

A large, bold, black serif letter 'P' is positioned in the upper left quadrant of the page. It is partially enclosed by an orange rectangular border that frames the central text area. The letter is set against a light gray background.

Fernando Pessoa
Poemas de Ricardo Reis

PESSOANA • EDIÇÕES

INCM

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

P

Poemas de Ricardo Reis

EDIÇÕES PUBLICADAS

· Poemas de Ricardo Reis

ENSAIOS PUBLICADOS

· Uma Admiração Pastoral pelo
Diabo (Pessoa e Pascoaes)

A coleção PESSOANA é publicada em colaboração
com a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

© **N** I M P R E N S A
N A C I O N A L

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Fernando Pessoa
Poemas de Ricardo Reis
Edição de Luiz Fagundes Duarte

PESSOANA • EDIÇÕES

LISBOA 2015

INCM

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

© **N** I M P R E N S A
N A C I O N A L

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

PRÓLOGO

Esta nova edição¹ dos *Poemas de Ricardo Reis* é o resultado direto e natural da edição da poesia deste heterónimo publicada no âmbito da Edição Crítica de Fernando Pessoa². Destinada a um público não diferenciado, a edição que agora se apresenta reproduz os textos, as leituras, as decisões filológicas e os critérios apresentados e justificados na edição crítica, sendo por isso desprovida de aparatos genéticos e de todos aqueles instrumentos que, sendo necessários para a fixação dos textos a partir dos manuscritos autógrafos ou de outras fontes criticamente aceites — tarefa da edição crítica —, não se afiguram necessários para a inteligência dos poemas pelo leitor sem preocupações filológicas. No entanto, se algum leitor mais inquieto ou curioso quiser saber a história filológica de cada poema, perceber porque é que ele aqui tem formas diferentes das que se encontram em outras edições no mercado, ou aparece em outra ordem, poderá sempre ir à edição crítica, onde tudo está, poema a poema, devidamente contado e argumentado: é para isso que servem as edições críticas.

O heterónimo Ricardo Reis acompanhou quase toda a carreira poética de Fernando Pessoa: os poemas datados mais antigos e conhecidos, a ele atribuídos por Pessoa ou atribuíveis criticamente, foram compostos em 16 de junho de 1914, tinha Pessoa 26 anos de idade, e o mais recente no dia 13 de novembro de 1935, poucos dias antes da morte do poeta. É assinado por Ricardo Reis o poema que poderá ser considerado como o

¹ Eu não aceito o Acordo Ortográfico de 1990, e tenho posição formada e publicada sobre a matéria. Por isso, pessoalmente, não o uso. Porém, tendo em conta a política adoptada pela INCM, e o compromisso assumido pela Equipa Pessoa de que as edições da sua responsabilidade seguiriam a ortografia em vigor no momento da publicação, sou obrigado a aceitar que tanto o meu texto, como os textos de Fernando Pessoa/Ricardo Reis que aqui se contêm, sejam sujeitos à nova ortografia. «Male partum male disperit», como diria Plauto.

² *Poemas de Ricardo Reis*, Edição Crítica de Luiz Fagundes Duarte, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, III, 1994.

testamento heteronímico de Pessoa — «Vivem em nós inúmeros»³ —, facto que deverá ser tido em conta quando se proceder a uma revisão da sua história literária.

À primeira vista, o título *Poemas de Ricardo Reis* pode entrar em conflito com o tradicional *Odes de Ricardo Reis* usado tanto por Fernando Pessoa — sempre que, nos muitos projetos de coleções de obra sua e alheia, se referia à poesia de Reis — como pela tradição aceite pela comunidade pessoana desde a publicação das *Odes — Livro Primeiro* no número inaugural da revista *Athena*⁴, confirmada e alargada pelas edições Ática⁵ e Aguilar⁶, e modificada e de novo alargada pela edição de Silva Bêlkior⁷.

No entanto, como já foi demonstrado na edição crítica, não é pacífico que se deva continuar com este título, pelo menos enquanto aplicável a uma edição que tem por objetivo reunir toda a produção poética de Ricardo Reis, a ele atribuída expressamente por Pessoa (por assinatura ou por indicação de autoria), ou atribuída criticamente pelos diversos editores: com efeito, a obra poética de Ricardo Reis até hoje identificada será constituída pelos duzentos e cinquenta e seis textos, entre poemas acabados (duzentos e três), inacabados (vinte e um) e fragmentos (trinta e dois), assinados por Ricardo Reis ou a ele atribuídos, constantes na edição crítica. Mas destes, apenas vinte e oito, todos odes, foram publicados por Pessoa: vinte na *Athena*, constituindo o *Livro Primeiro*, e oito na *presença*⁸ — a eles se resumindo o *corpus* definitivo da obra deste heterónimo. Dos restantes poemas de Reis, alguns trazem a classificação autógrafa *ode*, mas outros há a que não caberá esta classificação, para não contar os textos inacabados e os fragmentos, al-

³ Poema 183 nesta edição.

⁴ *Athena. Revista de Arte*, Lisboa, vol. 1, n.º 1, outubro de 1924, pp. 19-24.

⁵ *Odes de Ricardo Reis*, Obras Completas de Fernando Pessoa, coleção «Poesia», Lisboa, Edições Ática, vol. iv, [1945] 1946; 1966.

⁶ *Obra Poética de Fernando Pessoa*, seleção, organização e notas de Maria Aliete Galhoz, Biblioteca Luso-Brasileira, Série Portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1960, pp. 185-230.

⁷ *Texto Crítico das Odes de Fernando Pessoa-Ricardo Reis. Tradição Impressa Revista e Inéditos*, «Biblioteca de Autores Portugueses», Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.

⁸ *presença. Fôlha de Arte e Crítica*, Coimbra, n.º 6, 18 de julho de 1927, p. 3 (poemas 21-23); n.º 10, 15 de março de 1928, p. 2 (poemas 24-25); n.ºs 31-32, março-junho de 1931, p. 10 (poemas 26-27); e n.º 37, fevereiro de 1933, p. 8 (poema 28).

guns deles cancelados, que, rigorosamente, não deverão integrar, pelo menos no estado em que o autor os deixou, o cânone das *Odes* de Ricardo Reis.

Quarenta e um dos poemas de Reis que foram deixados por Pessoa em manuscritos ou em datiloscritos autógrafos foram por ele indiciados para a constituição de um outro *Livro das Odes*, tal como se encontra documentado num projeto datilografado autógrafo datado de 1914. Este projeto, apesar de ter sido abandonado pelo autor, que o ultrapassou com o *Livro Primeiro* (onde apenas se encontra uma ode constante no projeto anterior⁹), é aqui reconstituído¹⁰, tal como já aconteceu na edição crítica, uma vez que, num determinado momento histórico, correspondeu à vontade do autor — que é sempre, e em qualquer circunstância, mais autorizada do que a do editor crítico.

Tirando as vinte e oito odes publicadas em vida (que nesta edição constituem a parte I), de nenhum dos restantes poemas aqui reunidos se poderá dizer que foi terminado, se o poeta tencionava revisitá-lo, ou, em certos casos, se não se tratará de alguma versão variante genética, parcial ou integral, de qualquer outro, incluindo das odes publicadas (todos eles, excluindo-se os inacabados e os fragmentos, que naturalmente se ficam pela edição crítica, vão arrumados na parte II, por data, quando a têm, ou, quando a não têm, pela ordem alfabética dos respetivos *incipit*). Os textos que são claramente variantes integrais de outros entretanto publicados, num total de quinze, constam aqui em secção própria, identificados com aqueles a que se referem pelo respetivo número, modificado pelas letras *a* ou *b* (parte III). A inclusão destes poemas variantes nesta edição justifica-se pelo facto de, tratando-se de textos potencialmente acabados, oferecerem ao leitor matéria poética que pode ser fruída tanto autonomamente como numa perspetiva comparativa.

As características classicizantes da poesia de Ricardo Reis vão além dos temas, das referências e dos modelos formais, apoiando-se fortemente nas grafias — que resistem aos impulsos modernizadores que de vez em quando se apossam dos nossos ortografistas. Assim, grafias como *tam* ou *quam* (por *tão* ou *quão*, sendo que a reversão de *-ão* para *-am*, ao arpepio

⁹ Poema 2, que no projeto anterior traz a numeração xxxiii.

¹⁰ Poemas 29-68.

das reformas ortográficas desvirtuantes entretanto impostas, se encontra documentada nos manuscritos autógrafos de Reis), bem como ocorrências sistemáticas de formas aferéticas resultantes da eliminação, pelo poeta, de próteses históricas (*spera, scasso, stá* por *espera, escasso, está*), ou a utilização de dígrafos de etimologia grega (como em *Chloe, pantheon* ou *rhythmo*), são formas gráficas com substância poética, que deveriam ser conservadas num autor como Ricardo Reis. Porém, espera-se de uma edição como esta, que não é crítica mas resultante de uma que o é, que não obrigue o leitor a tropeçar em formas gráficas a que não está habituado, e por isso se procede à regularização e modernização da ortografia. Tal intervenção, pelo que acima fica dito, não deveria aplicar-se às formas intencionalmente anacrônicas — como *rhythmo, Lydia, quam, nocte* ou *scasso* —, que no entanto acabariam por coexistir com modernizações de formas usadas pelo autor não por decisão sua mas por se tratar de formas correntes à época da escrita — possibilitando assim que uma lição autógrafa como *Tu, Apollo, da-me o numero e o rhythmo* fosse transcrita por *Tu, Apolo, dá-me o número e o rhythmo*, uma solução de compromisso entre a modernização (redução da consoante dupla e colocação de acentos gráficos) e a conservação de um anacronismo gráfico voluntário como *rhythmo*. Não sendo claro que o resultado assim obtido constituísse um ganho para a interpretação do texto, e porque as formas originais estão devidamente acauteladas na edição crítica, entendo como mais avisado, nesta edição, proceder à modernização e à regularização integrais das grafias, incluindo formas como *si, quasi, idéa*, que, por já não terem realização fonética à época, são transcritas por *se, quase, ideia*. No entanto, as formas aferéticas, sincopadas e paragógicas usadas pelo autor por razões rítmicas — como *inda, plo, um'hora* ou *faze* (por *ainda, pelo, uma hora* ou *faz*) — são conservadas.

Entre a edição crítica que serve de base a esta, e o momento atual, a tradição editorial de Ricardo Reis foi enriquecida com uma nova peça — *Poesia*¹¹ —, relativamente à qual o leitor encontrará, aqui, algumas divergências que já remontam à edição crítica de 1994: umas são de leitura, mas a maior parte deve-se à aplicação de critérios diferentes. O mesmo já

¹¹ *Ricardo Reis. Poesia*, edição de Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim, Obras de Fernando Pessoa, 2000.

tinha acontecido quando cotejei o meu trabalho com o dos editores pioneiros que me antecederam e que desbravaram a *silva portentosa* que são os papéis pessoanos: o editor crítico não pode decidir sobre a obra alheia aquilo que o autor dela não foi, frequentemente, capaz de decidir. Mas pode, depois de lhe estudar os comportamentos, interpretá-los, e por muito que os comportamentos do autor sejam desconcertantes, e que esse desconcerto perdure no trabalho do editor, será sempre preferível um desconcerto autêntico (isto é, originado no autor ou por ele sugerido) a um concerto imposto pela subjetividade do editor e que, por isso, é inautêntico.

É o resultado de um trabalho assim que o leitor vai encontrar neste livro.

Lisboa, 25 de abril de 2011

A. ODES — LIVRO PRIMEIRO
[*Athena*]

I

1

Seguro assento na coluna firme
 Dos versos em que fico,
Nem temo o influxo inúmero futuro
 Dos tempos e do olvido;
Que a mente, quando, fixa, em si contempla
 Os reflexos do mundo,
Deles se plasma torna, e à arte o mundo
 Cria, que não a mente.
Assim na placa o externo instante grava
 Seu ser, durando nela.

II

2

As rosas amo dos jardins de Adónis,
Essas vólucres amo, Lídia, rosas,
 Que em o dia em que nascem,
 Em esse dia morrem.
A luz para elas é eterna, porque
Nascem nascido já o sol, e acabam
 Antes que Apolo deixe
 O seu curso visível.
Assim façamos nossa vida *um dia*,
Inscientes, Lídia, voluntariamente
 Que há noite antes e após
 Do pouco que duramos.

11-7-1914

3

III

O mar jaz; gemem em segredo os ventos
Em Éolo cativos;
Só com as pontas do tridente as vastas
Águas franze Neptuno;
E a praia é alva e cheia de pequenos
Brilhos sob o sol claro.
Inutilmente parecemos grandes.
Nada, no alheio mundo,
Nossa vista grandeza reconhece
Ou com razão nos serve.
Se aqui de um manso mar meu fundo indício
Três ondas o apagam,
Que me fará o mar que na atra praia
Ecoa de Saturno?

6-10-1914

4

IV

Não consentem os deuses mais que a vida.
Tudo pois refusemos, que nos alce
A irrespiráveis píncaros,
Perenes sem ter flores.
Só de aceitar tenhamos a ciência,
E, enquanto bate o sangue em nossas fontes,
Nem se engelha connosco
O mesmo amor, duremos,
Como vidros, às luzes transparentes
E deixando escorrer a chuva triste,
Só mornos ao sol quente,
E refletindo um pouco.

17-7-1914

V

5

Como se cada beijo
Fora de despedida,
Minha Cloe, beijemo-nos, amando.
Talvez que já nos toque
No ombro a mão, que chama
À barca que não vem senão vazia;
E que no mesmo feixe
Ata o que mútuos fomos
E a alheia soma universal da vida.

17-11-1923

VI

6

O ritmo antigo que há em pés descalços,
Esse ritmo das ninfas repetido,
Quando sob o arvoredo
Batem o som da dança,
Vós na alva praia lembrai, fazendo,
Que escura a espuma deixa; vós, infantes,
Que inda não tendes cura
De ter cura, responde
Ruidosa a roda, enquanto arqueia Apolo,
Como um ramo alto, a curva azul que doura,
E a perene maré
Flui, enchente ou vazante.

9-8-1914

VII

7

Ponho na altiva mente o fixo esforço
Da altura, e à sorte deixo,
E a suas leis, o verso;

Que, quando é alto e régio o pensamento,
Súbdita a frase o busca
E o escravo ritmo o serve.

8

VIII

Quão breve tempo é a mais longa vida
E a juventude nela! Ah Cloe, Cloe,
Se não amo, nem bebo,
Nem sem querer não penso,
Pesa-me a lei inimplorável, dói-me
A hora invita, o tempo que não cessa,
E aos ouvidos me sobe
Dos juncos o ruído
Na oculta margem onde os lírios frios
Da ínfera leiva crescem, e a corrente
Não sabe onde é o dia,
Sussurro gemebundo.

24-10-1923

9

IX

Coroai-me de rosas,
Coroai-me em verdade
De rosas —
Rosas que se apagam
Em frente a apagar-se
Tão cedo!
Coroai-me de rosas
E de folhas breves.
E basta.

12-6-1914

X

10

Melhor destino que o de conhecer-se
Não frui quem mente frui. Antes, sabendo,
 Ser nada, que ignorando:
 Nada dentro de nada.
Se não houver em mim poder que vença
As parcas três e as moles do futuro,
 Já me deem os deuses
 O poder de sabê-lo;
E a beleza, incriável por meu sestro,
Eu goze externa e dada, repetida
 Em meus passivos olhos,
 Lagos que a morte seca.

22-10-1923

XI

11

Temo, Lídia, o destino. Nada é certo.
Em qualquer hora pode suceder-nos
 O que nos tudo muda.
Fora do conhecido é estranho o passo
Que próprio damos. Graves numes guardam
 As lindas do que é uso.
Não somos deuses: cegos, receemos,
E a parca dada vida anteponhamos
 À novidade, abismo.

XII

12

A flor que és, não a que dás, eu quero.
Porque me negas o que te não peço?
 Tempo há para negares
 Depois de teres dado.

Flor, sê-me flor! Se te colher avaro
A mão da infausta esfinge, tu perene
Sombra errarás absurda,
Buscando o que não deste.

21-10-1923

13

XIII

Olho os campos, Neera,
Campos, campos, e sofro
Já o frio da sombra
Em que não terei olhos.
A caveira antessinto
Que serei não sentindo,
Ou só quanto o que ignoro
Me incógnito ministre.
E menos ao instante
Choro, que a mim futuro,
Súbdito ausente e nulo
Do universal destino.

25-12-1923

14

XIV

De novo traz as aparentes novas
Flores o verão novo, e novamente
Verdesce a cor antiga
Das folhas redivivas.
Não mais, não mais dele o infecundo abismo,
Que mudo sorve o que mal somos, torna
À clara luz superna
A presença vivida.

Não mais; e a prole a que, pensando, dera
A vida da razão, em vão o chama,
 Que as nove chaves fecham
 Da Estige irreversível.
O que foi como um deus entre os que cantam,
O que do Olimpo as vozes, que chamavam,
 Escutando ouviu, e, ouvindo,
 Entendeu, hoje é nada.
Tecei embora as, que teceis, grinaldas.
Quem coroais, não coroando a ele?
 Votivas as deponde,
 Fúnebres sem ter culto.
Fique, porém, livre da leiva e do Orco,
A fama; e tu, que Ulisses erigira,
 Tu, em teus sete montes,
 Orgulha-te materna,
Igual, desde ele, às sete que contendem
Cidades por Homero, ou alcaica Lesbos,
 Ou heptápila Tebas,
 Ogígia mãe de Píndaro.

XV

15

Este, seu escasso campo ora lavrando,
Ora, solene, olhando-o com a vista
De quem a um filho olha, goza incerto
 A não pensada vida.
Das fingidas fronteiras a mudança
O arado lhe não tolhe, nem o empece
Per que consílios se o destino rege
 Dos povos pacientes.

Pouco mais no presente do futuro
Que as ervas que arrancou, seguro vive
A antiga vida que não torna, e fica
Filhos, diversa e sua.

16-11-1923

16

XVI

Tuas, não minhas, teço estas grinaldas,
Que em minha frente renovadas ponho.
Para mim tece as tuas,
Que as minhas eu não vejo.
Se não pesar na vida melhor gozo
Que o vermo-nos, vejamo-nos, e, vendo,
Surdos conciliemos
O insubsistente surdo.
Coroemo-nos pois uns para os outros,
E brindemos uníssonos à sorte
Que houver, até que chegue
A hora do barqueiro.

17-11-1923

17

XVII

Não queiras, Lídia, edificar no espaço
Que figuras futuro, ou prometer-te
Amanhã. Cumpre-te hoje, não esperando.
Tu mesma és tua vida.
Não te destines, que não és futura.
Quem sabe se, entre a taça que esvazias,
E ela de novo enchida, não te a sorte
Interpõe o abismo?

XVIII

18

Saudoso já deste verão que vejo,
Lágrimas para as flores dele emprego
 Na lembrança invertida
 De quando hei de perdê-las.
Transpostos os portais irreparáveis
De cada ano, me antecipo a sombra
 Em que hei de errar, sem flores,
 No abismo rumoroso.
E colho a rosa porque a sorte manda.
Marcenda, guardo-a; murche-se comigo
 Antes que com a curva
 Diurna da ampla terra.

XIX

19

Prazer, mas devagar,
Lídia, que a sorte àqueles não é grata
 Que lhe das mãos arrancam.
Furtivos retiremos do horto mundo
 Os depredandos pomos.
Não despertemos, onde dorme, a Erinis
 Que cada gozo trava.
Como um regato, mudos passageiros,
 Gozemos escondidos.
A sorte inveja, Lídia. Emudeçamos.

3-11-1923

XX

Cuidas, ínvio, que cumpres, apertando
Teus infecundos, trabalhosos dias
 Em feixes de hirta lenha,
 Sem ilusão a vida.
A tua lenha é só peso que levas
Para onde não tens fogo que te aqueça.
 Nem sofrem peso aos ombros
 As sombras que seremos.
Para folgar não folgas; e, se legas,
Antes legues o exemplo, que riquezas,
 De como a vida basta
 Curta, nem também dura.
Pouco usamos do pouco que mal temos.
A obra cansa, o ouro não é nosso.
 De nós a mesma fama
 Ri-se, que a não veremos
Quando, acabados pelas parcas, formos,
Vultos solenes, de repente antigos,
 E cada vez mais sombras,
 Ao encontro fatal —
O barco escuro no soturno rio,
E os nove abraços da frieza estígia
 E o regaço insaciável
 Da pátria de Plutão.

B. ODES [*presença*]

Três odes

Não só vinho, mas nele o olvido, deito 21
Na taça: serei ledo, porque a dita
É ignara. Quem, lembrando
Ou prevendo, sorrira?
Dos brutos, não a vida, senão a alma,
Consigamos, pensando; recolhidos
No impalpável destino
Que não espera nem lembra.
Com mão mortal elevo à mortal boca
Em frágil taça o passageiro vinho,
Baços os olhos feitos
Para deixar de ver.

13-6-1926

Quanta tristeza e amargura afoga 22
Em confusão a estreita vida! Quanto
Infortúnio mesquinho
Nos oprime supremo!
Feliz ou o bruto que nos verdes campos
Pasce, para si mesmo anónimo, e entra
Na morte como em casa;
Ou o sábio que, perdido

Na ciência, a fútil vida austera eleva
Além da nossa, como o fumo que ergue
Braços que se desfazem
A um céu inexistente.

14-6-1926

23

A nada imploram tuas mãos já coisas,
Nem convencem teus lábios já parados,
No abafo subterrâneo
Da húmida imposta terra.
Só talvez o sorriso com que amavas
Te embalsama remota, e nas memórias
Te ergue qual eras, hoje
Cortiço apodrecido.
E o nome inútil que teu corpo morto
Usou, vivo, na terra, como uma alma,
Não lembra. A ode grava,
Anónimo, um sorriso.

Maio, 1927

Ode

24

O rastro breve que das ervas moles
Ergue o pé findo, o eco que oco cõa,
A sombra que se adombra,
O branco que a nau larga —
Nem maior nem melhor deixa a alma às almas,
O ido aos indos. A lembrança esquece.
Mortos, inda morremos.
Lídia, somos só nossos.

25-1-1928

Ode

28

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.

PARTE II

ODES E OUTROS POEMAS
INÉDITOS OU PUBLICADOS POSTUMAMENTE

C. ODES
[PROJETO DE 1914]

I

29

Mestre, são plácidas
Todas as horas
Que nós perdemos,
Se no perdê-las,
Qual numa jarra,
Nós pomos flores.

Não há tristezas
Nem alegrias
Na nossa vida.
Assim saibamos,
Sábios incautos,
Não a viver,

Mas decorrê-la,
Tranquilos, plácidos,
Tendo as crianças
Por nossas mestras,
E os olhos cheios
De Natureza...

À beira-rio,
À beira-estrada,
Conforme calha,
Sempre no mesmo
Leve descanso
De estar vivendo.

O Tempo passa,
Não nos diz nada.
Envelhecemos.
Saibamos, quase
Maliciosos,
Sentir-nos ir.

Não vale a pena
Fazer um gesto.
Não se resiste
Ao deus atroz
Que os próprios filhos
Devora sempre.

Colhamos flores.
Molhemos leves
As nossas mãos
Nos rios calmos,
Para aprendermos
Calma também.

Girassóis sempre
Fitando o sol,
Da vida iremos
Tranquilos, tendo
Nem o remorso
De ter vivido.

12-6-1914

II

Da lâmpada noturna
A chama estremece
E o quarto alto ondeia.

Os deuses concedem
Aos seus calmos crentes
Que nunca lhes trema
A chama da vida
Perturbando o aspeto
Do que está em roda,
Mas firme e esguiada
Como preciosa
E antiga pedra,
Guarde a sua calma
Beleza contínua.

2-8-1914

III

31

Este, seu escasso campo ora lavrando,
Ora, cansado, olhando-o com a vista
De quem a um filho olha
Passa alegre na vida.
Pouco lhe importa sob que Deus arrasta
A obra, louvores doutos ou néscios
São-lhe a mesma distância
De todos os seus dias...
Figura eterna longe das cidades,
Passa na vida sob a maior graça
Que os deuses nos concedem —
Que é não se nos mostrarem
Nas ativas presenças encobertos
Com o céu e a terra e o riso das searas
Quais ricos disfarçados
Dando aos pobres sem glória...

27-9-1914

IV

Não tenhas nada nas mãos
Nem uma memória na alma,

Que quando te puserem
Nas mãos o óbolo último,

Ao abrirem-te as mãos
Nada te cairá.

Que trono te querem dar
Que Átropos to não tire?

Que louros que não fanem
Nos arbítrios de Minos?

Que horas que te não tornem
Da estatura da sombra

Que serás quando fores
Na noite e ao fim da estrada?

Colhe as flores mas larga-as,
Das mãos mal as olhaste.

Senta-te ao sol. Abdica
E sê rei de ti próprio.

19-6-1914

Quero, Neera, que os teus lábios laves
 Na nascente tranquila
Para que contra a tua febre e a triste
 Dor que pões em viver,
Sintas a fresca e calma natureza
 Da água, e reconheças
Que não têm penas nem desassossegos
 As ninfas das nascentes
Nem mais soluços do que o som da água
 Alegre e natural.
As nossas dores, não, Neera, vêm
 Das causas naturais
Datam da alma e do infeliz fruir
 Da vida com os homens.
Aprende pois, ó aprendiz jovem
 Das clássicas delícias,
A não pôr mais tristeza que um suspiro
 No modo como vives.
Nascestes pálida, deitando a regra
 Da tua vã beleza
Sob a estólida fé das nossas mãos
 Medrosas de ter gozo
Demasiado preso à desconfiança
 Que vem de teu saber,
Não para essa vã mnemónica
 Do futuro fatal.
Façamos vívidas grinaldas várias
 De sol, flores e risos
Para ocultar o fundo fiel à Noite
 Do nosso pensamento

Curvado já em vida sob a ideia
Do plutónico jugo
Cônsia já da lívida aguardança
Do caos redivivo.

11-7-1914

34

VI

Ao longe os montes têm neve ao sol,
Mas é suave já o frio calmo
Que alisa e agudece
Os dardos do sol alto.

Hoje, Neera, não nos escondamos,
Nada nos falta, porque nada somos.
Não esperamos nada
E temos frio ao sol.

Mas tal como é, gozemos o momento,
Solenes na alegria levemente,
E aguardando a morte
Como quem a conhece.

16-6-1914

35

VII

O deus Pã não morreu.
Cada campo que mostra
Aos sorrisos de Apolo
Os peitos nus de Ceres —
Cedo ou tarde vereis
Por lá aparecer
O deus Pã, o imortal.

Não matou outros deuses
O triste deus cristão.
Cristo é um deus a mais,
Talvez um que faltava.

Pã continua a dar
Os sons da sua flauta
Aos ouvidos de Ceres
Recumbente nos campos.

Os deuses são os mesmos,
Sempre claros e calmos,
Cheios de eternidade
E desprezo por nós,
Trazendo o dia e a noite
E as colheitas douradas
Sem ser para nos dar
O dia e a noite e o trigo
Mas por outro e divino
Propósito casual.

12-6-1914

VIII

36

De Apolo o carro rodou pra fora
Da vista. A poeira que levantara
Ficou enchendo de leve névoa
O horizonte

A flauta calma de Pã, descendo
Seu tom agudo no ar pausado,
Deu mais tristezas ao moribundo
Dia suave.

Cálida e loura, núbil e triste,
Tu, mondadeira dos prados quentes,
Ficas ouvindo, com os teus passos
 Mais arrastados,

A flauta antiga do deus durando
Com o ar que cresce pra vento leve,
E sei que pensas na deusa clara
 Nada dos mares,

E que vão ondas lá muito adentro
Do que o teu seio sente alheado
De quanto a flauta sorrindo chora
 E estás ouvindo.

12-6-1914

37

IX

Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo,
 E ao beber nem recorda
 Que já bebeu na vida,
 Para quem tudo é novo
 E imarcescível sempre.

Coroem-no pâmpanos, ou heras, ou rosas volúteis,
 Ele sabe que a vida
 Passa por ele e tanto
 Corta à flor como a ele
 De Átropos a tesoura.

Mas ele sabe fazer que a cor do vinho esconda isto,
Que o seu sabor orgíaco
Apague o gosto às horas,
Como a uma voz chorando
O passar das bacantes.

E ele espera, contente quase e bebedor tranquilo,
E apenas desejando
Num desejo mal tido
Que a abominável onda
O não molhe tão cedo.

19-6-1914

X

38

Os deuses desterrados,
Os irmãos de Saturno,
Às vezes, no crepúsculo
Vêm espreitar a vida.

Vêm então ter connosco
Remorsos e saudades
E sentimentos falsos.
E a presença deles,
Deuses que o destroná-los
Tornou espirituais,
De matéria vencida,
Longínqua e inativa.

Vêm, inúteis forças,
Solicitar em nós
As dores e os cansaços,
Que nos tiram da mão,
Como a um bêbado mole,
A taça da alegria.

Vêm fazer-nos crer,
Despeitadas ruínas
De primitivas forças,
Que o mundo é mais extenso
Que o que se vê e palpa,
Para que ofendamos
A Júpiter e a Apolo.

Assim até à beira
Terrena do horizonte
Hiperion no crepúsculo
Vem chorar pelo carro
Que Apolo lhe roubou.

E o poente tem cores
Da dor dum deus longínquo,
E ouve-se soluçar
Para além das esferas...

Assim choram os deuses.

12-6-1914

XI

39

Coroai-me de rosas.
Coroai-me em verdade
De rosas.

Quero ter a hora
Nas mãos pagamente
E leve,

Mal sentir a vida,
Mal sentir o sol
Sob ramos.

Coroai-me de rosas
E de folhas de hera
E basta.

12-6-1914

XII

40

Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos).

Depois pensemos, crianças adultas, que a vida
Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,
Vai para um mar muito longe, para ao pé do Fado,
Mais longe que os deuses.

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.
Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.
Mais vale saber passar silenciosamente
E sem desassossegos grandes.

Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a voz,
Nem invejas que dão movimento de mais aos olhos,
Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria,
E sempre iria ter ao mar.

Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro
Ouvindo correr o rio e vendo-o.

Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que o seu perfume suavize o momento —
Este momento em que sossegadamente não cremos em nada,
Pagãos inocentes da decadência.

Ao menos, se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim depois
Sem que a minha lembrança te arda ou te fira ou te mova,
Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos
Nem fomos mais do que crianças.

E se antes do que eu levares o óbolo ao barqueiro sombrio,
Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.
Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim — à beira-rio,
Pagã triste e com flores no regaço.

12-6-1914

XIII

Breve o inverno virá com sua branca
Nudez vestir os campos.
As lareiras serão as nossas pátrias
E os contos que contarmos
Assentados ao pé do seu calor
Valerão as canções

Com que outrora entre as verdes ervas rijas
Dizíamos ao sol
O *ave atque vale* triste e alegre,
Solenes e carpindo.
Por ora o outono está connosco ainda.
Se ele nos não agrada
A memória do estio cotejemos
Com a esperança hiemal.
E entre essas dádivas memoradas
Como um rio passemos.

17-7-1914

XIV

42

Aqui, Neera, longe
De homens e de cidades,
Por ninguém nos tolher
O passo, nem vedarem
A nossa vista as casas,
Podemos crer-nos livres.

Bem sei, ó flava, que inda
Nos tolhe a vida o corpo,
E não temos a mão
Onde temos o gosto;
Bem sei que mesmo aqui
Se nos gasta esta carne
Que os deuses concederam
Ao estado antes de Averno.

Mas aqui não nos prendem
Mais cousas do que a vida,
Mãos alheias não tomam

Do nosso braço, ou passos
Humanos se atravessam
Pelo nosso caminho.

Se a nossa vida esquece
Podemos julgarmo-nos
Livres inteiramente.
Por isso não pensemos
E deixemo-nos crer
Na inteira liberdade
E essa ilusão de agora
Far-nos-á como os deuses.

2-8-1914

XV

43

A palidez do dia é levemente dourada.
O sol de inverno faz luzir como orvalho as curvas
 Dos troncos e ramos secos.
 O frio leve treme.

Desterrado da pátria antiquíssima da minha
Crença, consolado só por pensar nos deuses
 Aqueço-me trémulo
 A outro sol do que este —

O sol que havia sobre o Partenon e a Acrópole
O que alumiava os passos lentos e graves
 De Aristóteles falando.
 Mas Epicuro melhor

Me fala, com a sua cariciosa voz terrestre
Tendo para os deuses uma atitude também de deus,
Serenos e vendo a vida
À distância a que está.

19-6-1914

XVI

44

De anjos ou deuses, sempre nós tivemos,
A visão confiada de que acima
De nós e compelindo-nos
Agem outras presenças.

Como acima dos gados que há nos campos
O nosso esforço, que eles não compreendem,
Os coage e obriga
E eles não nos percebem,

Nossa vontade e nosso pensamento
São as mãos pelas quais outros nos guiam
Para onde eles querem
Que nós o desejemos.

16-10-1914

XVII

45

Da nossa semelhança com os deuses
Por nosso bem tiremos
Julgarmo-nos deidades exiladas
E possuindo a Vida
Por uma autoridade primitiva
E coeva de Jove.

Altivamente donos de nós mesmos,
Usemos a existência
Como a vila que os deuses nos concedem
Para esquecer o estio.

Não de outra forma mais apoquentada
Nos vale o esforço usarmos
A existência indecisa e afluyente
Fatal do rio escuro.

Como acima dos deuses o Destino
É calmo e inexorável,
Acima de nós mesmos construamos
Um fado voluntário

Que quando nos oprima nós sejamos
Esse que nos oprime,
E quando entremos pela noite dentro
Por nosso pé entremos.

30-7-1914

XVIII

Cuidas tu, louro Flaco, que apertando
Teus infecundos, trabalhosos dias
Em feixes de hirta lenha,
Cumpres a tua vida?
A tua lenha é só peso que levás
Para onde não tens fogo que te aqueça
Nem levam peso aos ombros
As sombras que seremos.

Aprende calma com o céu unido
E com a fonte a ter contínuo curso.
 Não sejas a clepsidra
 Que conta as horas de outros.

11-7-1914

XIX

47

O mar jaz. Gemem em segredo os ventos
 Em Éolo cativos,
Apenas com as pontas do tridente
 Franze as águas Neptuno,
E a praia é alva e cheia de pequenos
 Brilhos sob o sol claro.
Eu quisera, Neera, que o momento,
 Que ora vemos, tivesse
O sentido preciso de uma frase
 Visível nalgum livro.
Assim verias que certeza a minha
 Quando sem te olhar digo
Que as cousas são o diálogo que os deuses
 Brincam tendo connosco.
Se esta breve ciência te coubesse,
 Nunca mais julgarias
Ou solene ou ligeira a clara vida,
 Mas nem leve nem grave,
Nem falsa ou certa, mas assim, divina
 E plácida, e mais nada.

6-10-1914

48

XX

Neera, passemos juntos
Só para nos lembrarmos disto...
Depois quando envelhecermos
E nem os Deuses puderem
Dar cor às nossas faces
E mocidade aos nossos colos,

Lembre-mo-nos, à lareira,
Cheinhos de pesar
O ter quebrado o fio,
Lembre-mo-nos, Neera,
De um dia ter passado
Sem nos termos amado...

12-6-1914

49

XXI

Não pra mim mas pra ti teço as grinaldas
Que de hera e rosas eu na frente ponho.
Para mim tece as tuas
Que as minhas eu não vejo.

Um para o outro, mancebo, realizemos
A beleza improficua mas bastante
De agradar um ao outro
Plo prazer dado aos olhos.

O resto é o Fado que nos vai contando
Pelo bater do sangue em nossas fronteas
A vida até que chegue
A hora do barqueiro.

30-7-1914

XXII

Vós que, crentes em Cristos e Marias,
Turvais da minha fonte as claras águas
 Só para me dizerdes
 Que há águas mais alegres

Banhando prados com melhores horas, —
Dessas outras regiões pra quê falar-me
 Se estas águas e prados
 São de aqui e me agradam?

Esta realidade os deuses deram
E para bem real a deram externa.
 Que serão os meus sonhos
 Mais que a obra dos deuses?

Deixai-me a Realidade do momento
E os meus deuses tranquilos e imediatos
 Que não moram no Incerto
 Mas nos campos e rios.

Deixai-me a vida ir-se pagãmente
Acompanhada plas avenas ténues
 Com que os juncos das margens
 Se confessam de Pã.

Vivei vós vossos sonhos e deixai-me
O altar natural onde é meu culto
 E a visível presença
 Dos meus próximos deuses.

Inúteis procos do melhor que a vida,
Deixai a vida aos crentes mais antigos
 Que Cristo e a sua cruz
 E Maria chorando.

Ceres, dona dos campos, me console
E Apolo e Vénus, e Urano antigo
E os trovões, com o interesse
De irem da mão de Jove.

9-8-1914

51

XXIII

Não como ante donzela ou mulher viva
Com calor na beleza humana delas
Devemos dar os olhos
À beleza imortal.

Eternamente longe ela se mostra
E calma e para os calmos adorarem
Não de outro modo é ela
Imortal como os deuses.

Que nunca a alegria transitória
Nem a paixão que busca — porque exige
Devemos olhar de néscios
Olhos para a beleza.

Como quem vê um Deus e nunca ousa
Amá-lo mais que como a um Deus se ama
Diante da beleza
Façamo-nos sóbrios.

Para outra cousa não a dão os deuses
A nossa febre humana e vil da vida,
Por isso a contemplemos
Num claro esquecimento.

E de tudo tiremos a beleza
Como a presença ativa e encoberta
E o longínquo sorriso
De quem assiste à vida.

11-8-1914

XXIV

52

Só esta liberdade nos concedem
Os deuses: submetermo-nos
Ao seu domínio por vontade nossa.
Mais vale assim fazermos
Porque só na ilusão da liberdade
A liberdade existe.

Nem outro jeito os deuses, sobre quem
O eterno fado pesa,
Usam para seu calmo e possuído
Convencimento antigo
De que é divina e livre a sua vida.
Nós, imitando os deuses,
Tão pouco livres como eles no Olimpo,
Como quem pela areia
Ergue castelos para usar os olhos,
Ergamos nossa vida
E os deuses saberão agradecer-nos
O sermos tão como eles.

30-7-1914

XXV

O ritmo antigo que há nos pés descalços
Esse ritmo das ninfas copiado
Quando sob arvoredos
Batem o som da dança —

Pelas praias às vezes, quando brincam
Ante onde a Apolo se Neptuno alia
As crianças maiores,
Tem semelhanças breves

Com versos já longínquos em que Horácio
Ou mais clássicos gregos aceitavam
A vida por dos deuses
Sem mais preces que a vida.

Por isso à beira deste mar, donzelas,
Conduzi vossa dança ao som de risos
Soberbamente antigas
Pelos pés nus e a dança

Enquanto sobre vós arqueia Apolo
Como um ramo alto o azul e a luz da hora
E há o rito primitivo
Do mar lavando as costas.

9-8-1914

XXVI

54

Não porque os deuses findaram, alva Lídia, choro...
Mas porque nas bocas de hoje os nomes sobrevivem
Mortos apenas, como nomes em pedras sepulcrais.

Por isso, Lídia, lamento

Que Vénus em bocas cristãs seja uma palavra dita,
Que Apolo seja um nome que usam quantos
Sequentes de Cristo — e a crença lúcida

Nos deuses puramente deuses,
Tenha passado e ficado, cinza do que era fogo,
Lama do que era água refletindo as árvores,
Tronco morto do que dava fruto e florescia.

Mas se choro, não creio

Menos que ainda existo, como existem os deuses.

XXVII

55

Passando a vida em ver passar a de outros,
Botões de flor de um esforço nunca aberto
Na antiga semelhança com os deuses

Que andam nos campos

A ensinar aos que as Parcas não ignoram
Como a vida se deve usar, e como
Há outro uso que agrícola dos campos

E outro das fontes

Que beber delas na hora da sede.
Passando assim a vida, destruindo

O que fiamos ontem □ □ Pe-
nélopes tristes.

11-8-1914

XXVIII

Deixemos, Lídia, a ciência que não põe
Mais flores do que Flora pelos campos,
Nem dá de Apolo ao carro
Outro curso que Apolo.

Contemplação estéril e longínqua
Das cousas próximas, deixemos que ela
Olhe até não ver nada
Com seus cansados olhos.

Vê como Ceres é a mesma sempre
E como os louros campos entumescce
E os cala pràs avenas
Dos agrados de Pã.

Vê como com seu jeito sempre antigo
Aprendido no orige azul dos deuses,
As ninfas não sossegam
Na sua dança eterna.

E como as hemadriades constantes
Murmuram pelos rumos das florestas
E atrasam o deus Pã
Na atenção à sua flauta.

Não de outro modo mais divino ou menos
Deve aprazer-nos conduzir a vida,
Quer sob o ouro de Apolo
Ou a prata de Diana.

Quer troe Júpiter nos céus toldados,
Quer apedreje com as suas ondas
Neptuno as planas praias
E os erguidos rochedos.

Do mesmo modo a vida é sempre a mesma.
Nós não vemos as Parcas acabarem-nos.
 Por isso as esqueçamos
 Como se não houvessem.

Colhendo flores ou ouvindo as fontes
A vida passa como se temêssemos.
 Não nos vale pensarmos
 No futuro sabido

Que aos nossos olhos tirará Apolo
E nos porá longe de Ceres e onde
 Nenhum Pã cace à flauta
 Nenhuma branca ninfa.

Só as horas serenas reservando
Por nossas, companheiras na malícia
 De ir imitando os deuses
 Até saber-lhe a calma.

Venha depois com suas cãs caídas
A velhice, que os deuses concederam
 Que esta hora por ser sua
 Não sofra de Saturno

Mas seja o templo onde sejamos deuses
Inda que apenas, Lídia, pra nós próprios,
 Nem precisam de crentes
 Os que de si o foram.

57

XXIX

Neste dia em que os campos são de Apolo
Verde colónia dominada a ouro,
Seja como uma dança dentro em nós
O sentirmos a vida.

Não turbulenta, mas com os seus ritmos
Que a nossa sensação como uma ninfa
Acompanhe em cadências suas a
Disciplina da dança...

Ao fim do dia quando os campos forem
Império conquistado pelas sombras
Como uma legião que segue marcha
Abdiquemos do dia,

E na nossa memória coloquemos,
Com um deus novo numa nova terra
Trazido, o que ficou em nós da calma
Do dia passageiro.

11-8-1914

58

XXX

É tão suave a fuga deste dia,
Lídia, que não parece que vivemos.
Sem dúvida que os deuses
Nos são gratos esta hora,

E em paga nobre desta fé que usamos
Na exilada verdade dos seus corpos
Nos dão o alto prémio
De nos deixarem ser

Convivas lúcidos da sua calma,
Herdeiros um momento do seu jeito
De viver toda a vida
Dentro dum só momento

Dum só momento, Lídia, em que afastados
Das terrenas angústias recebemos
Olímpicas delícias
Dentro das nossas almas.

E um só momento nos sentimos deuses
Imortais pela calma que vestimos
E a altiva indiferença
Às cousas transitórias.

Como quem guarda a coroa da vitória
Estes fanados louros de um só dia
Guardemos para termos,
No futuro enrugado,

Perene à nossa vista a certa prova
De que um momento os deuses nos amaram
E nos deram um' hora
Não nossa, mas do Olimpo.

XXXI

59

Acima da verdade estão os deuses.
A nossa ciência é uma falhada cópia
Da certeza com que eles
Sabem que há o Universo.

Tudo é tudo, e mais alto estão os deuses
Não pertence à ciência conhecê-los,
Mas adorar devemos
Seus vultos como às flores,

Porque visíveis à nossa alta vista,
São tão reais como reais as flores
E no seu calmo Olimpo
São outra Humanidade.

16-10-1914

60

XXXII

Não consentem os deuses mais que a vida.
Por isso, Lídia, duradouramente
Façamos-lhe a vontade
Ao sol e entre flores.
Camaleões pousados sobre as cousas
Tomemos sua calma e alegria
Por cor da nossa vida
Por uma arte do corpo.
Como vidros às luzes transparentes
E deixando escorrer a chuva triste;
Só mornos ao sol quente;
E refletindo um pouco.

17-7-1914

[2]

XXXIII

As rosas amo dos jardins de Adónis,
Essas vólucres amo, Lídia, rosas,
Que em o dia em que nascem,
Em esse dia morrem.

A luz para elas é eterna, porque
Nascem nascido já o sol, e acabam
 Antes que Apolo deixe
 O seu curso visível.
Assim façamos nossa vida *um dia*,
Inscientes, Lídia, voluntariamente
 Que há noite antes e após
 Do pouco que duramos.

11-7-1914

XXXIV

61

Antes de nós nos mesmos arvoredos
Passava o vento, quando havia vento,
 E as folhas não mexiam
 De outro modo do que hoje.

Passamos e agitamo-nos de balde.
Não fazemos mais ruído no que existe
 Do que as folhas das árvores
 Ou os passos do vento.

Tentemos pois com abandono assíduo
Entregar nosso esforço à Natureza
 E não querer mais vida
 Que a das árvores verdes.

Inutilmente parecemos grandes.
Salvo nós nada pelo mundo fora
 Nos saúda a grandeza
 Nem sem querer nos serve.

Se aqui, à beira mar, o meu indício
Na areia o mar com ondas três o apaga,
Que fará na outra praia
Em que o mar é Saturno?

8-10-1914

62

XXXV

Cada cousa a seu tempo tem seu tempo.
Não florescem no inverno os arvoredos,
Nem pela primavera
Têm branco frio os campos.

À noite, que entra, não pertence, Lídia,
O mesmo ardor que o dia nos pedia.
Com mais sossego amemos
A nossa incerta vida.

À lareira, cansados não da obra
Mas porque a hora é a hora dos cansaços,
Não forcemos a voz
A estar mais que em segredo,

E casuais, interrompidas sejam
Nossas palavras de reminiscência
(Não para mais nos serve
A negra ida do sol).

Pouco a pouco o passado recordemos
E as histórias contadas no passado
Agora duas vezes
Histórias, que nos falem

Das flores que na nossa infância ida
Com outro fim no gozo nós colhíamos
E com outra ciência
No olhar lançado ao mundo.

E assim, Lídia, à lareira, como estando,
Deuses lares, ali na eternidade,
Como quem compõe roupas
O outrora componhamos

Nesse desassossego que o descanso
Nos traz às vidas quando só pensamos
Naquilo que já fomos,
E é noite sobre Ceres.

30-7-1914

XXXVI

63

Bocas roxas de vinho,
Testas brancas sob rosas,
Nus, brancos antebraços
Deixados sobre a mesa:

Tal seja, Lídia, o quadro
Em que fiquemos, mudos,
Eternamente inscritos
Na consciência dos deuses.

Antes isto que a vida
Como os homens a vivem,
Cheia da negra poeira
Que erguem das estradas.

Só os deuses socorrem
Com seu exemplo aqueles
Que nada mais pretendem
Que ir no rio das cousas.

29-8-1915

64

XXXVII

Tirem-me os deuses
Em seu arbítrio
Superior e urdido às escondidas
Amor, glória e riqueza.

Tirem, mas deixem-me
Deixem-me apenas
A consciência lúcida e solene
Das cousas e dos seres.

Pouco me importa
Amor ou glória.
A riqueza é um metal, a glória é um eco
E o amor uma sombra.

Mas a concisa
Atenção dada
Às formas e às maneiras dos objetos
Tem abrigo seguro.

Seus fundamentos
São todo o mundo,
Seu amor é o plácido universo,
Sua riqueza a vida.

A sua glória
E a suprema
Certeza da solene e clara posse
Das formas dos objetos.

O resto passa,
E teme a morte.
Só nada teme ou sofre a visão clara
E inútil do Universo.

Essa a si basta,
Nada deseja
Salvo o orgulho de ver sempre claro
Até deixar de ver.

8-6-1915

XXXVIII

65

Feliz aquele a quem a vida grata
Concedeu que dos deuses se lembrasse
E visse como eles
Estas terrenas cousas onde mora
Um reflexo mortal da imortal vida.
Feliz, que quando a hora tributária
Transpor seu átrio por que a Parca corte
O fio fiado até ao fim,
Gozar poderá o alto prémio
De errar no Averno grato abrigo
Da convivência.

Mas aquele que quer outro antepor
Aos mais antigos Deuses que no Olimpo
Seguiram a Saturno —

O seu blasfemo ser abandonado
Na fria expiação — até que os Deuses
De quem se esqueceu deles se recordem —
Erra, sombra inquieta, incertamente,
 Nem o filho lhe põe na boca
 O estígio óbolo devido.
 E sobre seu corpo insepulto
 Não deita terra o viandante.

11 e 12-9-1916

66

XXXIX

Olho os campos, Neera,
Verdes campos, e penso
Em que virá um dia
Em que não mais os olhe.

Isto, se o meditar,
Me toldará os céus
E fará menos verdes
Os verdes campos reais.

Ah! Neera, o futuro
Ao futuro deixemos.
O que não está presente
Não existe pra nós.

Hoje não tenho nada
Senão os verdes campos
E o céu azul por cima.
Seja isto toda a vida.

27-1-1917

XL

67

Deixa passar o vento
Sem lhe perguntar nada.
Seu sentido é apenas
Ser o vento que passa...

Consegui que desta hora
O sacrificial fumo
Subisse até ao Olimpo.
E escrevi estes versos
Pra que os deuses voltassem.

12-9-1916

ÚLTIMA ODE

68

Só o ter flores pela vista fora
Nas áleas largas dos jardins exatos
Basta para podermos
Achar a vida leve.

De todo o esforço seguremos quedas
As mãos, brincando, pra que nos não tome
Do pulso, e nos arraste.
E vivamos assim,

Buscando o mínimo de dor ou gozo,
Bebendo a goles os instantes frescos,
Translúcidos como água
Em taças detalhadas,

Da vida pálida levando apenas
As rosas breves, os sorrisos vagos,
E as rápidas carícias
Dos instantes volúveis.

Pouco tão pouco pesará nos braços
Com que, exilados das supernas luzes,
Escolhermos do que fomos
O melhor pra lembrar

Quando, acabados pelas Parcas, formos,
Vultos solenes de repente antigos,
E cada vez mais sombras,
Ao encontro fatal

Do barco escuro no soturno rio,
E os nove abraços do horror estígio,
E o regaço insaciável
Da pátria de Plutão.

16-6-1914

D. ODES E OUTROS POEMAS

POEMAS COM DATA

Pobres de nós que perdemos quanto 69
Serenos e fortes nos dava a vida
O único modo
O único humano de a ter...
Pobres de nós
Crianças órfãs que mal se lembram
De pai e mãe
E andam sozinhas na vida cega
Sem ter carinhos
Nem saber nada
De aonde vamos pela floresta,
Nem donde viemos pela estrada fora...
E somos tristes, e somos velhos,
E fracos sempre...
Sem que nos sirva...

16-6-1914

Diana através dos ramos 70
Espreita a vinda de Endimion
Endimion que nunca vem,
Endimion, Endimion,
Lá longe na floresta...

E a sua voz chamando
Exclama através dos ramos
Endimion, Endimion...
Assim choram os deuses...

16-6-1914

71

Aqui, sem outro Apolo do que Apolo,
Sem um suspiro abandonemos Cristo
E a febre de buscarmos
Um deus dos dualismos.

E longe da cristã sensualidade
Que a casta calma da beleza antiga
Nos restitua o antigo
Sentimento da vida.

11-8-1914

72

Em Ceres anoitece.
Nos píncaros ainda
Faz luz.

Sinto-me tão grande
Nesta hora solene
E vã

Que, assim como há deuses
Dos campos, das flores
Das searas,

Agora eu quisera
Que um deus existisse
De mim.

17-9-1914

Felizes, cujos corpos sob as árvores
Jazem na húmida terra,
Que nunca mais sofrem o sol, ou sabem
Das mudanças da lua.

73

Verta Éolo a caverna inteira sobre
O orbe esfarrapado,
Apedreje Neptuno as planas praias
E os erguidos rochedos

Tudo lhe é nada, e o próprio pecureiro
Que passa, finda a tarde,
Sob a árvore onde jaz quem foi a sombra
Imperfeita de um deus,

Não sabe que os seus passos vão cobrindo
O que podia ser,
Se a vida fosse sempre a vida, a glória
De uma beleza eterna.

1-6-1916

OS JOGADORES DE XADREZ

74

Ouvi contar que outrora, quando a Pérsia
Tinha não sei qual guerra,
Quando a invasão ardia na Cidade
E as mulheres gritavam,
Dois jogadores de xadrez jogavam
O seu jogo contínuo.

À sombra de ampla árvore fitavam
O tabuleiro antigo,
E, ao lado de cada um, esperando os seus
Momentos mais folgados,
Quando havia movido a pedra, e agora
Esperava o adversário,
Um púcaro com vinho refrescava
A sua sóbria sede.

Ardiam casas, saqueadas eram
As arcas e as paredes,
Violadas, as mulheres eram postas
Contra os muros caídos,
Trespasadas de lanças, as crianças
Eram sangues nas ruas...
Mas onde estavam, perto da cidade,
E longe do seu ruído,
Os jogadores de xadrez jogavam
O jogo do xadrez.

Inda que nas mensagens do ermo vento
Lhes viessem os gritos,
E, ao refletir, soubessem com acerto
Que por certo as mulheres
E as tenras filhas violadas eram
Nessa distância próxima,
Inda que, no momento que o pensavam,
Uma sombra ligeira
Lhes passasse na frente alheada e vaga,
Breve seus olhos calmos
Volviam sua atenta confiança
Ao tabuleiro velho.

Quando o rei de marfim está em perigo,
Que importa a carne e o osso
Das irmãs e das mães e das crianças?
Quando a torre não cobre
A retirada da rainha branca,
O saque pouco importa.
E quando a mão confiada leva o xeque
Ao rei do adversário,
Pouco pesa na alma que lá longe
Estejam morrendo filhos.

Mesmo que, de repente, sobre o muro
Surja a sanhuda face
Dum guerreiro invasor, e breve deva
Em sangue ali cair
O jogador solene de xadrez,
O momento antes desse
E ainda entregue ao jogo predileto
Dos grandes indif'rentes.

Caiam cidades, sofram povos, cesse
A liberdade e a vida,
Os haveres tranquilos e avitos
Ardem e que se arranquem,
Mas quando a guerra os jogos interrompa,
Esteja o rei sem xeque,
E o de marfim peão mais avançado
Pronto a comprar a torre.

Meus irmãos em amarmos Epicuro
E o entendermos mais
De acordo com nós próprios que com ele,
Aprendamos na história
Dos calmos jogadores de xadrez
Como passar a vida.

Tudo o que é sério pouco nos importe,
O grave pouco pese,
O natural impulso dos instintos
Que ceda ao inútil gozo
(Sob a sombra tranquila do arvoredo)
De jogar um bom jogo.

O que levamos desta vida inútil
Tanto vale se é
A glória, a fama, o amor, a ciência, a vida,
Como se fosse apenas
A memória de um jogo bem jogado
E uma partida ganha
A um jogador melhor.

A glória pesa como um fardo rico,
A fama como a febre,
O amor cansa, porque é a sério e busca,
A ciência nunca encontra,
E a vida passa e dói porque o conhece...
O jogo do xadrez
Prende a alma toda, mas, perdido, pouco
Pesa, pois não é nada.

Ah, sob as sombras que sem querer nos amam,
Com um púcaro de vinho
Ao lado, e atentos só à inútil faina
Do jogo do xadrez,
Mesmo que o jogo seja apenas sonho
E não haja parceiro,
Imitemos os persas desta história,
E, enquanto lá por fora,

Ou perto ou longe, a guerra e a pátria e a vida
Chamam por nós, deixemos
Que em vão nos chamem, cada um de nós
Sob as sombras amigas
Sonhando, ele os parceiros, e o xadrez
A sua indiferença.

1-6-1916

Prefiro rosas, meu amor, à pátria,
E antes magnólias amo
Que fama e que virtude.

75

Logo que a vida me não canse, deixo
Que a vida por mim passe
Logo que eu fique o mesmo.

Que importa àquele a quem já nada importa
Que um perca e outro vença,
Se a aurora raia sempre,

Se cada ano com a primavera
Aparecem as folhas
E com o outono cessam?

O resto, as outras cousas que os humanos
Acrescentam à vida,
Que me aumentam na alma?

Nada, salvo o desejo de indif'rença
E a confiança mole
Na hora fugitiva.

1-6-1916

Segue o teu destino,
Rega as tuas plantas,
Ama as tuas rosas.
O resto é a sombra
De árvores alheias.

A realidade
Sempre é mais ou menos
Do que nós queremos.
Só nós somos sempre
Iguais a nós próprios.

Suave é viver só.
Grande e nobre é sempre
Viver simplesmente.
Deixa a dor nas aras
Como ex-voto aos deuses.

Vê de longe a vida.
Nunca a interrogues.
Ela nada pode
Dizer-te. A resposta
Está além dos Deuses.

Mas serenamente
Imita o Olimpo
No teu coração.
Os deuses são deuses
Porque não se pensam.

1-7-1916

Não a ti, Cristo, odeio ou te não quero.
Em ti como nos outros creio deuses mais velhos.
Só te tenho por não mais nem menos
Do que eles, mas mais novo apenas.

77

Odeio-os sim, e a esses com calma aborreço,
Que te querem acima dos outros teus iguais deuses.
Quero-te onde tu estás, nem mais alto
Nem mais baixo que eles, tu apenas.

Deus triste, preciso talvez porque nenhum havia
Como tu, um a mais no Panteon e no culto,
Nada mais, nem mais alto nem mais puro
Porque para tudo havia deuses, menos tu.

Cura tu, idólatra exclusivo de Cristo, que a vida
E múltipla e todos os dias são diferentes dos outros.
E só sendo múltiplos como eles
Estaremos com a verdade e sós.

9-10-1916

Não a ti, Cristo, odeio ou menos prezo
Que aos outros deuses que te precederam
Na memória dos homens.
Nem mais nem menos és, mas outro deus.

78

No Panteon faltavas. Pois que vieste
No Panteon o teu lugar ocupa,
Mas cuida não procures
Usurpar o que aos outros é devido.

Teu vulto triste e comovido sobre
A estéril dor da humanidade antiga
 Sim, nova pulcritude
Trouxe ao antigo Panteon incerto.

Mas que os teus crentes te não ergam sobre
Outros, antigos deuses que dataram
 Por filhos de Saturno
De mais perto da orige' igual das cousas,

E melhores memórias recolheram
Do primitivo caos e da Noite
 Onde os deuses não são
Mais que as estrelas súbditas do Fado.

9-10-1916

79

Não a ti, mas aos teus, odeio, Cristo.
Tu não és mais que um deus a mais no eterno
 Panteon que preside
 À nossa vida incerta.

Nem maior nem menor que os novos deuses,
Tua sombria forma dolorida
 Trouxe algo que faltava
 Ao número dos divos.

Por isso reina a par de outros no Olimpo,
Ou pela triste terra se quiseses
 Vai enxugar o pranto
 Dos humanos que sofrem.

Não venham, porém, estultos teus cultores
Em teu nome vedar o eterno culto
 Das presenças maiores
 E parceiras da tua.

A esses, sim, do âmago eu odeio
Do crente peito, e a esses eu não sigo,
 Supersticiosos leigos
 Na ciência dos deuses.

Ah, aumentai, não combatendo nunca.
Enriquecei o Olimpo, aos deuses dando
 Cada vez maior força
 Plo número maior.

Basta os males que o Fado as Parcas fez
Por seu intuito natural fazerem.
 Nós homens nos façamos
 Unidos pelos deuses.

9-10-1916

Sofro, Lídia, do medo do destino.
Qualquer pequena cousa de onde pode
Brotar uma ordem nova em minha vida,
 Lídia, me aterra.
Qualquer cousa, qual seja, que transforme
Meu plano curso de existência, embora
Para melhores cousas o transforme,
 Por transformar
Odeio, e não o quero. Os deuses dessem
Que ininterrupta minha vida fosse
Uma planície sem relevos, indo
 Até ao fim.

80

A glória embora eu nunca aurisse, ou nunca
Amor ou justa estima dessem-me outros,
Basta que a vida seja só a vida
E que eu a viva.

26-5-1917

81 Sê o dono de ti
Sem fechaes os olhos.

Na dura mão aperta
Com um tato encavado
O mundo exterior
Contra a palma sentindo
Outra cousa que a palma.

11-8-1918

82 Não sem lei, mas segundo leis diversas
Entre os homens reparte o fado e os deuses
Sem justiça ou injustiça
Prazeres, dores, gozos e perigos.

Bem ou mal, não terás o que mereces.
Querem os deuses a isto obrigar
Porque o Fado não tem
Leis nossas com que reja a sua lei.

Quem é rei hoje, amanhã escravo cruza
Com o escravo de ontem que é depois rei.
Sem razão um caiu,
Sem causa nele o outro ascenderá.

Não em nós, mas dos deuses no capricho
E nas sombras pra além do seu domínio
 Está o que somos, e temos,
A vida e a morte do que somos nós.

Se te apraz mereceres, que te apraza
Por mereceres, não porque te o Fado
 Dê o prémio ou a paga
De com constância haveres merecido.

Dúbia é a vida, inconstante o que a governa.
O que esperamos nem sempre acontece
 Nem nos falece sempre,
Nem há com que a alma uma ou outra cousa espere.

Torna teu coração digno dos deuses
E deixa a vida incerta ser quem seja.
 O que te acontecer
Aceita. Os deuses nunca se rebelam.

Nas mãos inevitáveis do destino
A roda rápida soterra hoje
 Quem ontem viu o céu
Do transitório auge do seu giro.

17-11-1918

Uma após uma as ondas apressadas
Enrolam o seu verde movimento
 E chamam a alva espuma
No moreno das praias.

83

Uma após uma as nuvens vagarosas
Rasgam o seu redondo movimento
E o sol aquece o espaço
Do ar entre as nuvens escassas.

Indiferente a mim e eu a ela,
A natureza deste dia calmo
Furta pouco ao meu senso
De se esvair o tempo.

Só uma vaga pena inconsequente
Para um momento à porta da minha alma
E após fitar-me um pouco
Passa, a sorrir de nada.

23-11-1918

84

Manhã que raias sem olhar a mim,
Sol que luzes sem qu'rer saber de eu ver-te,
É por isso que sois
Reais e verdadeiros;
Porque é na oposição ao que eu desejo
Que sinto real a natureza e a vida.
No que me nega sinto
Que existe e eu sou pequeno.
E nesta consciência torno-a grande
Como a onda, que as tormentas atiraram
Ao alto ar, regressa
Pesada a um mar mais fundo.

23-11-1918

Cedo de mais vem sempre, Cloe, o inverno. 85
É sempre prematuro, inda que o espere
Nosso hábito, o esfriar
Do desejo que houve.

Não entardece que não morra o dia.
Não nasce amor ou fé em nós que não
Morra com isso ao menos
O não amar ou crer.

Todo o gesto que o nosso corpo faz
Com o repouso anterior contrasta.
Nesta má circunstância
Do tempo eternos somos.

Só sabe da arte com que viva a vida
Aquele que, de tão contínua usá-la,
Furte ao tempo a vitória
Das mudanças depressa,

E entardecendo como um dia trópico,
Até ao fim inevitável guie
Uma igual vida, súbito
Precipite no abismo.

7-7-1919

No momento em que vamos pelos prados 86
E o nosso amor é um terceiro ali,
Que usurpa que saibamos
Um ao certo do outro,

Nesse momento, em que o que vemos mesmo
Sem o vermos na própria essência entra
Da nossa alma comum —
Lídia, nesse momento

De tão sentir o amor não sei dizer-to,
Antes, se falo, só dos prados falo
E põe-se música ao meu
Eros connosco invisível.

7-7-1919

87

Os deuses são felizes.
Vivem a vida calma das raízes.
Seus desejos o Fado não oprime,
Ou, oprimindo, redime
Com a vida imortal
Não há sombras ou outros que os contristem.
E, além disto, não existem...

10-7-1920

88

Cumpre a lei, seja vil ou vil tu sejas.
Pouco pode o homem contra a externa vida.
Deixa haver a injustiça.
Nada muda, que mudes.

Não tens mais reino que a doada mente.
Essa, em que és servo, grato o Fado e os Deuses,
Governa, até à fronteira,
Onde a vontade finge.

Aí vencido, tu por vencedores
Os grandes deuses e o Destino ostentas.
 Não há a dupla derrota
 De derrota e vileza.

Assim penso, e esta súbita justiça
Com que queremos moderar as cousas,
 Expilo, como a um servo
 Intromissor da mente.

Se nem de mim posso ser dono, como
Quero ser dono ou lei do que acontece
 Onde me a mente e corpo
 Não são mais do que parte?

Basta-me que me baste, e o resto gire
Na órbita prevista, em que até os deuses
 Giram, sóis centros servos
 De um movimento externo.

29-1-1921

À LA MANIÈRE DE A. CAEIRO

89

A mão invisível do vento roça por cima das ervas.
Quando se solta, saltam nos intervalos do verde
Papoulas rubras, amarelos malmequeres juntos,
E outras pequenas flores azuis que se não veem logo.

Não tenho quem ame, ou vida que queira, ou morte que roube.
Por mim, como pelas ervas um vento que só as dobra
Para as deixar voltar àquilo que foram, passa.

Também por mim um desejo inutilmente bafeja
As hastes das intenções, as flores do que imagino,
E tudo volta ao que era sem nada que acontecesse.

30-1-1921

90

Um verso repete
Uma brisa fresca,
O verão nas ervas,
E vazio sofre ao sol
O átrio abandonado.

Ou, no inverno, ao longe
Os cimos de neve,
À lareira toadas
Dos contos herdados,
E um verso a dizê-lo.

Os deuses concedem
Poucos mais prazeres
Que estes, que são nada.
Mas também concedem
Não quereremos outros.

30-1-1921

91

Tornar-te-ás só quem tu sempre foste.
O que te os deuses dão, dão no começo.
De uma só vez o Fado
Te dá o fado, que és um.

A pouco chega pois o esforço posto
Na medida da tua força nata —
A pouco, se não foste
Para mais concebido.

Contenta-te com seres quem não podes
Deixar de ser. Ainda te fica o vasto
Céu pra cobrir-te, e a terra,
Verde ou seca a seu tempo.

12-5-1921

Em vão procuro o bem que me negaram. 92
As flores dos jardins herdadas de outros
Como hão de mais que perfumar de longe
Meu desejo de tê-las?

12-5-1921

Não quero a fama, que comigo a têm 93
Eróstrato e o pretor
Ser olhado de todos — que se eu fosse
Só belo, me olhariam.
O fausto repudio, porque o compram.
O amor, porque acontece.
Amigo fui, talvez não contente,
Porém nato e sem erro.

12-5-1921

94

Pequeno é o espaço que de nós separa
O que havemos de ser quando morrermos.
Não conhecemos quem será o morto
De hoje que então acaba.

Só o passado, comum a nós e a ele,
Será indício de que a nossa alma
Persiste e como antiga ama, conta
Histórias esquecidas...

Se pudéssemos pôr o pensamento
Com esta visão adentro da ideia
Que havemos de ter naquela hora,
Estranhos olharíamos

O que somos, cuidando ver um outro
E o espaço temporal que hoje habitamos
Luz onde nossa alma nasceu
Alheia antes de a termos.

31-1-1922

95

Cada um cumpre o destino que lhe cumpre,
E deseja o destino que deseja;
Nem cumpre o que deseja,
Nem deseja o que cumpre.

Como as pedras na orla dos canteiros
O Fado nos dispõe, e ali ficamos;
Que a Sorte nos fez postos
Onde houvemos de sê-lo.

Não tenhamos melhor conhecimento
Do que nos coube que de que nos coube.
Cumpramos o que somos.
Nada mais nos é dado.

29-7-1923

Quero versos que sejam como joias 96
Para que durem no porvir extenso
E os não macule a morte
Que em cada cousa a espreita,
Versos onde se esquece o duro e triste
Lapso curto dos dias e se volve
À antiga liberdade
Que talvez nunca houvermos.
Aqui, nestas amigas sombras postas
Longe, onde menos nos conhece a história
Lembro os que urdem, cuidados,
Seus descuidados versos.
E mais que a todos te lembrando, escrevo
Sob o vedado sol, e, te lembrando,
Bebo, imortal Horácio,
Supérfluo, à tua glória...

5-8-1923

Não quero as oferendas 97
Em que, mau grado vosso,
Negais-me o que me dais.
Dais-me o que perderei,
Chorando-o, duas vezes,
Por vosso e meu, perdido.

Antes vós, sem mo dardes
Mo prometais, que a perda
Será mais na esperança
Que na recordação.

Não terei mais desgosto
Que o contínuo da vida,
Vendo que com os dias
Tarda o que espera, e é nada.

2-9-1923

98

Vossa formosa juventude leda,
Vossa felicidade pensativa,
Vosso modo de olhar a quem vos olha,
Vosso não conhecer-vos —

Tudo quanto vós sois, que vos semelha
À vida universal que vos esquece,
Dá carinho de amor a quem vos ama
Por serdes não lembrando

Quanta igual mocidade a eterna praia
De Cronos, pai injusto da justiça,
Ondas, quebrou, deixando à só memória
Um branco som de espuma.

2-9-1923

99

Não canto a noite porque no meu canto
O sol que canto acabará em noite.
Não ignoro o que esqueço.
Canto por esquecê-lo.

Pudesse eu suspender, inda que em sonho,
O apolíneo curso, e conhecer-me,
 Inda que louco, gémeo
 De uma hora imperecível!

2-9-1923

Não quero recordar nem conhecer-me. 100
Somos de mais se olhamos em quem somos.
 Ignorar que vivemos
 Cumpre bastante a vida.

Tanto quanto vivemos, vive a hora
Em que vivemos, igualmente morta
 Quando passa connosco,
 Que passamos com ela.

Se sabê-lo não serve de sabê-lo
(Pois sem poder que vale conhecermos?),
 Melhor vida é a vida
 Que dura sem medir-se.

2-9-1923

A abelha que, voando, freme sobre 101
A colorida flor, e pouosa, quase
 Sem diferença dela
 À vista que não olha,

Não mudou desde Cécrops. Só quem vive
Uma vida com ser que se conhece
 Envelhece, distinto
 Da espécie de que vive.

Ela é a mesma que outra que não ela.
Só nós — ó tempo, ó alma, ó vida, ó morte! —
Mortalmente compramos
Ter mais vida que a vida.

2-9-1923

102

Dia após dia a mesma vida é a mesma.
O que decorre, Lídia,
No que nós somos como em que não somos
Igualmente decorre.
Colhido, o fruto deperce; e cai
Nunca sendo colhido.
Igual é o fado, quer o procuremos,
Quer o esperemos. Sorte
Hoje, Destino sempre, e nesta ou nessa
Forma alheio e invencível.

2-9-1923

103

Pequena vida consciente, sempre
Da repetida imagem perseguida
Do fim inevitável, a cada hora
Sentindo-se mudada,
E, como Orfeu volvendo à vinda esposa
O olhar algoz, para o passado erguendo
A memória pra em mágoas o apagar
No báratro da mente.

22-10-1923

De uma só vez recolhe 104
Quantas flores puderes.
Não dura mais que até à noite o dia.
Colhe de que recordes.

A vida é pouco e cerca-a
A sombra e o sem remédio.
Não temos regras que compreendamos,
Súbditos sem governo.

Goza este dia como
Se a Vida fosse nele.
Homens nem deuses fadam, nem destinam
Senão o que ignoramos.

24-10-1923

DE AMORE SUO

105

Folha após folha vemos caem,
Cloe, as folhas todas.
Nem antes que para elas, para nós
Que sabemos que morrem.
Assim, Cloe, assim,
O amor, antes que o corpo que empregamos
Nele, em nós envelhece;
E nós, diversos, somos, inda jovens,
Só a mútua lembrança.
Ah, se o que somos será isto sempre
E só uma hora é o que somos,
Com tal excesso e fúria em cada amplexo
A hausta vida ponhamos,

Que encha toda a memória, e nos beijemos
Como se, findo o beijo
Único, sobre nós ruísse a súbita
Mole do inteiro mundo.

27-10-1923

106 Tão cedo passa tudo quanto passa!
Morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.

3-11-1923

107 Não inquiri do anónimo futuro
Que serei, pois que tenho,
Qualquer que seja, que vivê-lo. Tiro
Os olhos do vindouro.
Odeio o que não vejo. Se pudera,
Vê-lo, grato o não vira.
Se mo mostrarem num quadro, ou o virarem
Não tenho o que não tenho.
O que o Destino manda, saiba-o ele.
A ignorância me basta.

4-11-1923

108 Hora a hora não dura a face antiga
Dos repetidos seres, e hora a hora,
Pensando, envelhecemos.

Tudo passa ignorado, e o que, sabido,
Fica, sabe que ignora, porém nada
Torna, ciente ou néscio.
Pares, assim, do que não somos pares,
Da hora incerta a chama agasalhemos
Com côncavas mãos frias.

16-11-1923

Não torna atrás a negregada prole
Regular de Saturno,
Nem magnos deuses imploradosolvem
Quem foi à luz que vemos.
Moramos, hóspedes na vida, e usamos
Um tempo do discurso,
Um breve amor, um sorriso breve, e um dia
Saudoso de todos.

109

16-11-1923

Com que vida encherei os poucos breves
Dias que me são dados? Será minha
A minha vida ou dada
A outros ou a sombras?

110

À sombra de nós mesmos quantos homens
Inconscientes nos sacrificamos,
E um destino cumprimos
Nem nosso nem alheio!

Ó deuses imortais, saiba eu ao menos
Aceitar sem querê-lo, sorridente,
O curso áspero e duro
Da estrada permitida.

Porém nosso destino é o que for nosso,
Que nos deu a sorte, ou, alheio fado,
Anónimo a um anónimo,
Nos arrasta a corrente.

5-5-1925

111

Não perscrutes o anónimo futuro,
Lídia: é igual o futuro perscrutado
Ao que não perscrutámos.
Quem o dá, o dá feito.

Disformes sonhos antecipam cousas
Que serão piores que os disformes sonhos
No temor do futuro
Nos futuros fractamos.

Sabe ver só até o horizonte
E o dia, mêmora da flor hesterna
Mais que o melhor fruto
Que talvez não colhamos.

13-6-1925

112

No ciclo eterno das mudáveis cousas
Novo inverno após novo outono volve
À diferente terra
Com a mesma maneira.

Porém a mim nem me acha diferente
Nem diferente deixa-me, fechado
Na clausura maligna
Da índole indecisa.
Preso da pálida fatalidade
De não mudar-me, me infiel renovo
Aos propósitos mudos
Morituos e infindos.

24-11-1925

Não torna ao ramo a folha que o deixou, 113
Nem com seu mesmo pó se uma outra forma.
O momento, que acaba ao começar
Este, morreu pra sempre.
Não me promete o incerto e vão futuro
Mais do que esta iterada experiência
Da mutada sorte e a condição deserta
Das cousas e de mim.
Por isso, neste rio universal
De que sou, não uma onda, senão ondas,
Decorro inerte, sem pedido, nem
Deuses em quem o empregue.

28-9-1926, a. m., early

Nem vã esperança vem, não anos vão, 114
Desesperança, Lídia, nos governa
A consumanda vida.
Só espera ou desespera quem conhece
Que há que esperar. Nós, no labento curso
Do ser, só ignoramos.

Breves no triste gozo desfolhamos
Rosas. Mais breves que nós fingem legar
A comparada vida.

28-9-1926

115

Frutos, dão-os as árvores que vivem,
Não a iludida mente, que só se orna
Das flores lívidas
Do íntimo abismo.
Quantos reinos nas mentes e nas cousas
Te não talhaste imaginário! Tantos
Sem ter perdeste,
Antedeposto.
Ah, contra o adverso muito nada próprio
E único vences, frustrado. A vida é ínvia.
Abdica, e sê
Rei só de ti.

6-12-1926

116

Gozo sonhado é gozo, in da que em sonho.
Nós o que nos supomos nos fazemos,
Se com atenta mente
Resistirmos em crê-lo.
Não, pois, meu modo de pensar nas coisas,
Nos seres e no Fado me censures.
Para mim crio tanto
Quanto para mim crio.

Fora de mim, alheio ao em que penso,
O fado cumpre-se. Porém eu me cumpro
 Segundo o âmbito breve
 Do que por meu me é dado.

30-1-1927

O relógio de sol partido marca
Do mesmo modo que o inteiro o lapso
 Da mesma hora perdida...
O mesmo gozo com que esqueço, ou o creio,
A vida, finda, me a mim mesmo mostra
 Mais fatal e mortal,
Para onde quer que siga a certa noite
 Quer ou não a vejamos.

117

30-1-1927

Solene passa sobre a fértil terra
A branca, inútil nuvem fugidia,
Que um negro instante de entre os campos ergue
 Um sopro arrefecido.

118

Tal me alta na alma a lenta ideia voa
E me enegrece a mente, mas já torno,
Como a si mesmo o mesmo campo, ao dia
 Superfície da vida.

31-5-1927

119 Atrás não torna, nem, como Orfeu, volta
 Sua face, Saturno.
Sua severa frente reconhece
 Só o lugar do futuro.
Não temos mais de certo que o instante
 Em que o pensamos certo.
Não o pensemos, pois, mas o façamos
 Certo sem pensamento.

31-5-1927

120 Enquanto eu vir o sol luzir nas folhas
E sentir toda a brisa nos cabelos
 Não quererei mais nada.
Que me pode o Destino conceder
Melhor que o lapso sensual da vida
 Entre ignorâncias destas?
Sábio deveras o que não procura,
Que, procurando, achara o abismo em tudo
 E a dúvida em si mesmo.
Pomos a dúvida onde há rosas. Damos
Quase tudo do sentido a entendê-lo
 E ignoramos, pensantes.
Estranha a nós a natureza extensa
Campos ondula, flores abre, frutos
 Cora, e a morte chega.
Terei razão, se a alguém razão é dada,
Quando me a morte conturbar a mente
 E já não veja mais
Que à razão de saber porque vivemos
Nós nem a achamos nem achar se deve,
 Impropícia e profunda.

16-6-1927

Aqui, dizeis, na cova a que me chego, 121
Não está quem eu amei. Olhar nem fala
 Se escondem nesta leiva.
Ah, mas olhos e boca aqui se escondem!
Mãos apertei, não alma, e aqui morrem.
 Homem, um corpo choro.

6-7-1927

Lenta, descansa a onda que a maré deixa. 122
Pesada cede. Tudo é sossegado.
 Só o que é de homem se ouve.
 Cresce o luar ausente.
Nesta hora, Lídia ou Neera ou Cloe,
Qualquer de vós me é estranha, que me inclino
 Só para o vão segredo
 Dito pela incerteza.
Tomo nas mãos, como caveira, ou chave
De supérfluo sepulcro, meu destino,
 E ignaro o aborreço
 Sem coração que o sinta.

6-7-1927

Quantos gozam o gozo de gozar 123
Sem que gozem o gozo, e o dividem
 Entre eles e o verem
 Os outros que eles gozam.
Ah, Lídia, os trajos do gozar omite,
Que o gozo é um, se é nosso, nem o damos
 Aos outros como prémio
 De verem nosso gozo.

Cada um é ele só, e se com outros
Goza, dos outros goza, e não para eles.
Aprende o que te ensina
Teu corpo, teu limite.

9-10-1927

124 Floresce em ti, ó magna terra, em cores
A vária primavera, e o verão vasto,
E os campos são de alegres.
Mas dorme em cada campo o outono dele
O inverno cresce com as folhas verdes.
Tudo será esquecido.

9-10-1927

125 Toda visão da crença se acompanha,
Toda crença da ação; e a ação se perde,
Água em água entre tudo.
Conhece-te, se podes. Se não podes
Conhece que não podes. Saber sabe.
Sê teu. Não dês nem esperes.

19-10-1927

126 O sono é bom pois despertamos dele
Para saber que é bom. Se a morte é sono
Despertaremos dela;
Se não, e não é sono,

Com quanto em nós é nosso a refusemos
Enquanto em nossos corpos condenados
Dura, do carcereiro,
A licença indecisa.

Lídia, a vida mais vil antes que a morte,
Que desconheço, quero; e as flores colho
Que te entrego, votivas
De um pequeno destino.

19-11-1927

Pese a sentença igual da ignota morte
Em cada breve corpo, é entrudo e riem,
Felizes, porque em eles pensa e sente
A vida, que não eles.

127

De rosas, inda que de falsas, teçam
Capelas veras. Escasso, curto é o espaço
Que lhes é dado, e por bom caso em todos
Breve nem vão sentido.

Se a ciência é vida, sábio é só o néscio.
Quão pouco diferença a mente interna
Do homem da dos brutos! Sus! Leixai
Viver os moribundos!

20-2-1928

NIRVANA

Vou dormir, dormir, dormir,
Vou dormir sem despertar,
Mas não dormir sem sentir
Que estou dormindo a sonhar.

Não insciência e só treva
Mas também estrelas a abrir
Olhos cujo olhar me enleva,
Que estou sonhando a dormir.

Constelada inexistência
Em que subsiste de meu
Só uma abstrata insciência
Una com estrelas e céu.

20-2-1928

Dois é o prazer: gozar e o gozá-lo.
Ao néscio elege o parvo, o sábio ao outro.
E o igual fado é diverso.
Na taça que ergo, ondeio, e vejo, as bolhas
Incluo no que sinto, e ao beber
Mais puro está no gosto.

21-2-1928

Concentra-te, e serás sereno e forte; 130
Mas concentra-te fora de ti mesmo.
Não sê mais para ti que o pedestal
No qual ergas a estátua do teu ser.
Tudo mais empobrece, porque é pobre.

10-4-1928

Inglória é a vida, e inglório o conhecê-la. 131
Quantos, se pensam, já se desconhecem
 Os que se conheceram!
A cada hora se muda não só a hora
Mas o que se vê nela, e a vida passa
 Entre viver e ser.

26-4-1928

Nos altos ramos de árvores frondosas 132
O vento faz um rumor frio e alto,
Nesta floresta, em este som me perco
 E sozinho medito.
Assim no mundo, acima do que sinto,
Um vento faz a vida, e a deixa, e a toma,
E nada tem sentido — nem a alma
 Com que penso sozinho.

26-4-1928

O anel dado ao mendigo é injúria, e a sorte 133
Dada a quem pensa é infâmia, que quem pensa —
 Quer verdade, e não sorte.

Como um mendigo a quem é dado o nome
De rei, não come dele, mas do prato
 Do rei, minha esperança
Da razão que há em tê-la se alimenta
 E não do que deseja.

26-4-1928

134

Tudo que cessa é morte, e a morte é nossa
Se é para nós que cessa. Aquele arbusto
 Fenece, e vai com ele
 Parte da minha vida.
Em tudo quanto olhei fiquei em parte.
Com tudo quanto vi, se passa, passo,
 Nem distingue a memória
 Do que vi do que fui.

7-6-1928

135

Tarda o verão. No campo tributário
Da nossa esperança, não há sol bastante,
Nem se esperavam as que vêm, chuvas
 Na estação, deslocadas.
Meu vão conhecimento do que vejo
Com o que é falso se contenta, a noite,
Em pouco dando à conclusão factícia
 Do moribundo tudo.

7-6-1928

A cada qual, como a estatura, cabe 136
A justiça: uns faz altos
A sorte, outros felizes.
Nada é prémio: sucede o que acontece.
Nada, Lídia, devemos
Ao fado, senão tê-lo.

20-11-1928

Nem da erva humilde se o Destino esquece. 137
Seiva a lei o que vive.
De sua natureza murcham rosas
E prazeres se acabam.
Quem nos conhece, amigo, tais quais fomos?
Nem nós nos conhecemos.

20-11-1928

Quem diz ao dia, Dura! e à treva, Acaba! 138
A si não diz, Não digas!
Sentinelas absurdas, vigilamos,
Íncios dos contendentes.
Uns com o frio, outros a um ar bom, guardam
O posto e a própria insciência.

21-11-1928

Negue-me tudo a sorte, salvo vê-la, 139
Que eu, estoico sem dureza,
Na sentença gravada do Destino
Quero gozar as letras.

21-11-1928

140 Sê lanterna, sê luz com vidro em torno,
 Porém o calor guarda.
Não poderão os ventos opressivos
 Apagar tua luz;
Nem teu calor, disperso, irá ser frio
 No inútil infinito.

3-3-1929

141 Se recordo quem fui, outrem me vejo,
No passado, presente da lembrança.
 Sinto-me como em sonho
 Porém somente em sonho.
E a saudade que me aflige a mente
Não é de mim nem do passado visto,
 Senão de quem habito
 Por traz dos olhos cegos.
Nada, senão o instante, me conhece.
Minha mesma lembrança é nada, e sinto
 Que quem sou e os que fui
 São sonhos diferentes

26-5-1930

142 No breve número de doze meses
O ano passa, breves são os anos,
 Poucos a vida dura.
Que são doze ou sessenta na floresta
Dos números, e quanto pouco falta
 Para o fim do futuro!

Dois terços já, tão rápido, do curso
Dado em declive deixo, e invicto apresso
O moribundo passo.

18-6-1930

Não sei de quem recordo meu passado
Que outrem fui quando o fui, nem se conheço
Como sentindo com minha alma aquela
Alma que a sentir lembro.
De dia a outro nos desamparamos.
Nada de verdadeiro a nós nos une.
Somos quem somos, e quem fomos foi
Coisa vista por dentro.

143

2-7-1930

Quem fui é externo a mim. Se lembro, vejo;
E ver é ser alheio. Meu passado
Só por visão relembro.
Aquilo mesmo que senti me é claro.
Alheia é a alma antiga; o que me sinto
Chegou hoje à estalagem.
Quem pode conhecer, entre tanto erro
De modos de sentir-se, a exata forma
Que tem para consigo?

144

2-7-1930

O que sentimos, não o que é sentido,
É o que temos. Claro, o inverno estreita.
Como à sorte o acolhamos.

145

Haja inverno na terra, não na mente,
E, amor a amor, ou livro a livro, amemos
Nossa lareira breve.

8-7-1930

146

Débil no vício, débil na virtude
A humanidade débil, nem na fúria
Conhece mais que a norma.

Pares e diferentes nos regemos
Por uma norma própria, e inda que dura,
Será à liberdade.

Ser livre é ser a própria imposta norma
Igual a todos, salvo no amplo e duro
Mando e uso de si mesmo.

9-7-1930

147

Não sei se é amor que tens, ou amor que finges,
O que me dás. Dás-mo. Tanto me baste.
Já que o não sou por tempo,
Seja eu jovem por erro.
Pouco os Deuses nos dão, e o pouco é falso.
Porém, se o dão, falso que seja, a dádiva
É verdadeira. Aceito,
E a te crer me resigno.

12-9-1930

Quer pouco: terás tudo. 148
Quer nada: serás livre.
O mesmo amor que tenham
Por nós, quer-nos, oprime-nos.

1-11-1930

Não só quem nos odia ou nos inveja 149
Nos limita e oprime; quem nos ama
 Não menos nos limita.
Que os Deuses me concedam que, despido
De afetos, tenha a fria liberdade
 Dos píncaros sem nada.
Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada
E livre; quem não tem, e não deseja,
 Homem, é igual aos Deuses.

1-11-1930

Não quero, Cloe, teu amor, que oprime 150
Porque me exige amor. Quero ser livre.

A esperança é um dever do sentimento.

1-11-1930

Duas odes

Nunca a alheia vontade, inda que grata, 151
Cumpras por própria. Manda no que fazes,
 Nem de ti mesmo servo.

Ninguém te dá quem és. Nada te muda.
Teu íntimo destino involuntário
Cumpre alto. Sê teu filho.

152 No mundo, só comigo, me deixaram
Os Deuses que dispõem.
Não posso contra eles: o que deram
Aceito sem mais nada.
Assim o trigo baixa ao vento, e, quando
O vento cessa, ergue-se.

19-11-1930

153 Os deuses e os Messias que são deuses
Passam, e os sonhos vão que são Messias.
A terra muda dura.
Nem deuses, nem Messias, nem ideias
Me trazem rosas. Minhas são se as tenho.
Se as tenho, que mais quero?

8-2-1931

154 Do que quero renego, se o querê-lo
Me pesa na vontade. Nada que haja
Vale que lhe concedamos
Uma atenção que doa.
Meu balde exponho à chuva, por ter água.
Minha vontade, assim, ao mundo exponho,
Nem quero mais que o dado
Ou que o tido desejo.

14-3-1931

Quem és, não o serás, que o tempo e a sorte
Te mudarão em outro.
Para quê pois em seres te empenhares
O que não serás tu?
Teu é o que és, teu o que tens, de quem
É o que outro tiveres?

22-9-1931

Breve o dia, breve o ano, breve tudo.
Não tarda nada sermos.
Isto, pensado, me de a mente absorve
Todos mais pensamentos.
Breve é a mágoa,
Que, inda que dor, é vida.

27-9-1931

Domina ou cala. Não te percas, dando
Aquilo que não tens.
Que vale o César que serias? Goza
Bastar-te o pouco que és.
Melhor te acolhe a vil choupana dada
Que o palácio devido.

27-9-1931

Se a cada coisa que há um deus compete,
Porque não haverá de mim um deus?
Porque o não serei eu?

158

É em mim que o deus anima porque sinto.
O mundo externo claramente vejo —
Coisas, homens, sem alma.

Dezembro de 1931

159

Tudo, desde ermos astros afastados
A nós, nos dá o mundo.
E a tudo, alheios, nos acrescentamos,
Pensando e interpretando.
A próxima erva a que a mão chega basta,
O que há é o melhor.

10-12-1931

160

Ninguém, na vasta selva religiosa,
Do mundo inumerável, finalmente
Vê o deus que conhece.
Só o que a brisa traz se ouve na brisa.
O que pensamos, seja amor ou deuses,
Passa, porque passamos.

10-12-1931

161

Azuis os montes que estão longe param.
De eles a mim o vário campo à brisa,
Ou verde ou amarelo ou variegado,
Ondula incertamente.
Débil como uma haste de papoila
Me suporta o momento. Nada quero.
Que pesa o escrúpulo do pensamento
Na balança da vida?

Como os campos, e vário, e como eles,
Exterior a mim, me entrego, filho
Ignorado do Caos e da Noite
 Às férias em que existo.

31-3-1932

Lídia, ignoramos. Somos estrangeiros
Onde quer que moremos. Tudo é alheio
 Nem fala língua nossa.
Façamos de nós mesmos o retiro
Onde esconder-nos, tímidos do insulto
 Do tumulto do mundo.
Que quer o amor mais que não ser dos outros?
Como um segredo dito nos mistérios,
 Seja sacro por nosso.

162

9-6-1932

Severo narro. Quanto sinto penso.
 Palavras são ideias.
Múrmuro, o rio passa, e o som não passa,
 Que é nosso, não do rio.
Assim quisera o verso: meu e alheio
 E por mim mesmo lido.

163

16-6-1932

Flores amo, não busco. Se aparecem
Me agrado ledó, que há em buscar prazeres
 O desprazer da busca.

164

A vida seja como o sol, que é dado,
Nem arranquemos flores, que, arrancadas
Não são nossas, mas mortas.

16-6-1932

165

Sereno aguarda o fim que pouco tarda.
Que é qualquer vida? Breves sóis e sono.
Quanto pensas emprega
Em não muito pensares.

Ao nauta o mar obscuro é a rota clara.
Tu, na confusa solidão da vida,
A ti mesmo te elege
(Não sabes de outro) o porto.

31-7-1932

166

Ninguém a outrem ama, senão que ama
O que de si há nele, ou é suposto.
Nada te pese que não te amem. Sentem-te
Quem és, e és estrangeiro.
Cura de ser quem és, amem-te ou nunca.
Firme contigo, sofrerás avaro
De penas.

10-8-1932

Para quê complicar inutilmente, 167
Pensando, o que impensado existe? Nascem
 Ervas sem razão dada —
Para elas olhos, não razões, tenhamos.
Como através de um rio as contemplemos.

3-9-1932

Vive sem horas. Quanto mede lesa, 168
 E quanto pensa mede.
Num fluido incerto nexo, como o rio
 Cujas ondas são ele,
Assim teus dias sê, e se te vires
 Passar, como a outrem, cala.

8-9-1932

Nada fica de nada. Nada somos. 169
Um pouco ao sol e ao ar nos atrasamos
Da irrespirável treva que nos pese
 Da húmida terra imposta,
Cadáveres adiados que procriam.

Leis feitas, estátuas vistas, odes findas —
Tudo tem cova sua. Se nós, carnes
A que um íntimo sol dá sangue, temos
 Poente, porque não elas?
Somos contos contando contos, nada.

28-9-1932

170 Que mais que um ludo ou jogo é a extensa vida,
Em que nos distraímos de outra coisa —
 Que coisa, não sabemos —;
Livres porque brincamos se jogamos,
Presos porque tem regras todo jogo;
 Quem somos? Quem seremos?
Feliz o a quem surge a consciência
Do jogo, mas não toda, e essa dele
 Em o saber perdê-la.

27-10-1932

171 Quanto faça, supremamente faze.
Mais vale, se a memória é quanto temos,
 Lembrar muito que pouco.
E se o muito no pouco te é possível,
Mais ampla liberdade de lembrança
 Te tornará teu dono.

27-2-1933

172 Rasteja mole pelos campos ermos
 O vento sossegado.
Mais parece tremer de um tremor próprio,
 Que do vento, o que é erva.
E se as nuvens no céu, brancas e altas,
 Se movem, mais parecem
Que gira a terra rápida e elas passam,
 Por muito altas, lentas.
Aqui neste sossego dilatado
 Me esquecerei de tudo,

Nem hóspede será do que conheço
A vida que deslembro.
Assim meus dias seu decurso falso
Gozarão verdadeiro.

27-2-1933

Quero ignorado, e calmo
Por ignorado, e próprio
Por calmo, encher meus dias
De não querer mais deles.

173

Aos que a riqueza toca
O ouro irrita a pele.
Aos que a fama bafeja
Embacia-se a vida.

Aos que a felicidade
É sol, virá a noite.
Mas ao que nada espera
Tudo que vem é grato.

2-3-1933

Dia em que não gozaste não foi teu:
Foi só durares nele. Quanto vivas
Sem que o gozes, não vives.

174

Não pesa que ames, bebas ou sorrias:
Basta o reflexo do sol ido na água
De um charco, se te é grato.

Feliz o a quem, por ter em coisas mínimas
Seu prazer posto, nenhum dia nega
A natural ventura!

14-3-1933

175

Pois que nada que dure, ou que, durando,
Valha, neste profuso mundo obramos,
E o mesmo útil para nós perdemos
Connosco, cedo, cedo,

O prazer do momento antepoñhamos
À absurda cura do futuro, cuja
Certeza única é o mal presente
Com que o seu bem compramos.

Amanhã não existe. Meu somente
É o momento, eu só quem existo
Neste instante, que pode o derradeiro
Ser de quem finjo ser.

16-3-1933

176

Estás só. Ninguém o sabe. Cala e finge.
Mas finge sem fingires.
Nada esperes que em ti já não exista,
Cada um consigo é tudo.
Tens sol se há sol, ramos se ramos buscas,
Sorte se a sorte é tua.

6-4-1933

Aqui, neste misérrimo desterro 177
Onde nem desterrado estou, habito,
Fiel, sem que queira, àquele antigo erro
Pelo qual sou proscrito.

O erro de querer ser igual a alguém
Feliz, em suma — quanto a sorte deu
A cada coração o único bem
De ele poder ser seu.

6-4-1933

Uns, com os olhos postos no passado, 178
Veem o que não veem; outros, fitos
Os mesmos olhos no futuro, veem
O que não pode ver-se.

Porquê tão longe ir pôr o que está perto —
O dia real que vemos? No mesmo hausto
Em que vivemos, morreremos. Colhe
O dia, porque és ele.

28-8-1933

Súbdito inútil de astros dominantes, 179
Passageiros como eu, vivo uma vida
Que nem quero nem amo,
Minha porque sou ela.

No ergástulo de ser quem sou, contudo,
De em mim pensar me livro, olhando no alto
Os astros que dominam,
Submisso de os ver belos.

Vastidão vã que finge de infinito
(Como se o infinito se pudesse ver!) —
Lembra-me a liberdade?
Como, se ela a não tem?

19-11-1933

180

Grinalda ou coroa
E só peso posto
Na frente antes limpa.

Grinalda de rosas,
Coroa de louros,
A frente transtornam.

Que o vento nos possa
Mexer nos cabelos,
Refrescar a frente!

Que a frente despida
Possa reclinar-se,
Serena, onde durma.

Cloe! Não conheço
Melhor alegria
Que esta frente lisa.

19-11-1933

Aguardo, equânime, o que não conheço — 181
Meu futuro e o de tudo.
No fim tudo será silêncio, salvo
Onde o mar banhar nada.

13-12-1933, 5 a. m.

Amo o que vejo porque deixarei 182
Qualquer dia de o ver.
Amo-o também porque é.

No plácido intervalo em que me sinto,
Do amar, mais que ser,
Amo o haver tudo e a mim.
Melhor me não dariam, se voltassem,
Os primitivos deuses,
Que também, nada sabem.

11-10-1934

Vivem em nós inúmeros; 183
Se penso ou sinto, ignoro
Quem é que pensa ou sente.
Sou somente o lugar
Onde se sente ou pensa.

Tenho mais almas que uma.
Há mais eus do que eu mesmo.
Existo todavia
Indiferente a todos.
Faço-os calar: eu falo.

Os impulsos cruzados
Do que sinto ou não sinto
Disputam em quem sou.
Ignoro-os. Nada ditam
A quem me sei: eu escrevo.

13-11-1935

POEMAS SEM DATA

Cada momento que a um prazer não voto 184
Perco, nem curo se o prazer me é dado;
Porque o sonho de um gozo
 No gozo não é sonho.

Cada um é um mundo; e como em cada fonte 185
Uma deidade vela, em cada homem
 Porque não há de haver
 Um deus só de ele homem?

Na encoberta sucessão das cousas,
Só o sábio sente, que não foi mais nada
 Que a vida que deixou.

Cantos, risos e flores alumiem 186
 Nosso mortal destino,
Para o ermo ocultar fundo, noturno
 De nosso pensamento,

Curvado, já em vida, sob a ideia
 Do plutónico gozo,
Côncio já da lívida esperança
 Do caos redivivo.

187 Como este infante que alourado dorme
 Fui. Hoje sei que há morte.
Lídia, há largas taças por encher
 Nosso amor que nos tarda.
Qualquer que seja o amor ou as taças, breve
 Ajam. Teme e desfruta.

188 Doce é o fruto à vista, e à boca amaro,
Breve é a vida ao tempo e longa à alma.
 A arte, com que todos,
— Ora sem saber virando os copos,
Ora, enchendo-os, consiste em nós ousarmos,
 Chegada a morte, despi-la.

189 Eu nunca fui dos que a um sexo o outro
No amor ou na amizade preferiram.
Por igual a beleza eu apeteço
 Seja onde for, beleza.

Pousa a ave, olhando apenas a quem pousa
Pondo querer pousar antes do ramo;
Corre o rio onde encontra o seu retiro
 E não onde é preciso.

Assim das diferenças me separo
E onde amo, porque o amo ou não amo,
Nem a inocência inata quando se ama
 Julgo postergada nisto.

Não no objeto, no modo está o amor,
Logo que a ame, a qualquer coisa amo.
Meu amor nela não reside, mas
 Em meu amor.

Os deuses que nos deram este rumo
Também deram a flor pra que a colhêssemos
E com melhor amor talvez colhamos
 O que pra usar buscamos.

Há uma cor que me persegue e que eu odeio, 190
Há uma cor que se insinua no meu medo.
 Porque é que as cores têm força
 De persistir na nossa alma,
 Como fantasmas?
Há uma cor que me persegue e hora a hora
A sua cor se torna a cor que é a minha alma.

Ininterrupto e unido guia o teu curso 191
Lídia, e sereno para o mar distante.
 Teus manes não to param.
 Interrompem-to apenas.
Mas conta tu as tuas próprias horas,
À tua espera dá-te incerta Náíade
 Que à porta te não está
 Tua segunda vida...
Condescendente pra contigo própria,
Deixa aos certos Letes de fugir
 Vive com a verdade
 No instante dos demónios

Que alhures a saber preso com deles
O céu do Fado, gozam a delícia
 Altiva de viverem
 Onde guardam suas vidas.

192

 Meu gesto que destrui
 A mole das formigas,
Tomá-lo-ão elas por de um ser divino;
Mas eu não sou divino para mim.

 Assim talvez os deuses
 Para si o não sejam,
E só de serem do que nós maiores
Tirem o serem deuses para nós.

 Seja qual for o certo,
 Mesmo para com esses
Que cremos serem deuses, não sejamos
Inteiros numa fé talvez sem deuses.

193

Não mais pensada que a dos mudos brutos
Se fada a humana vida. Quem destina
 Mais que os gados nos campos
 O fim do seu destino?

194

No grande espaço de não haver nada
Que a noite finge, brilham mal os astros.
 Não há lua, e ainda bem.

Neste momento, Lídia, considero
Tudo, e um frio que não há me entra
Na alma. Não existes.

No magno dia até os sons são claros. 195
Pelo repouso do amplo campo tardam.
Múrmura, a brisa cala.

Quisera, como os sons, nascer das cousas
Mas não ser delas, consequência alada
Com o real em baixo.

Outros com liras ou com harpas narram, 196
Eu com meu pensamento.
Que, por meio de música, acham nada
Se acham só o que sentem.
Mais pesam as palavras que, medidas,
Dizem que o mundo existe.

Quatro vezes mudou a estação falsa 197
No falso ano, no imutável curso
Do tempo consequente;
Ao verde segue o seco, e ao seco o verde;
E não sabe ninguém qual é o primeiro,
Nem o último, e acabam.

198 Quero dos deuses só que me não lembrem.
Serei livre — sem dita nem desdita,
 Como o vento que é a vida
 Do ar que não é nada.
O ódio e o amor iguais nos buscam; ambos,
Cada um com seu modo, nos oprimem.
 Só quem deuses concedem
 Nada, tem liberdade.

199 Se hás de ser o que choras
Ter que ser, não o chores.
Se toda a mole imensa
Do mundo ser-te-á noite,
Aproveita este breve
Dia, e sem choro ou cura
Goza-o, contente por viveres
O pouco que te é dado.

200 Se já não torna a eterna primavera
 Que em sonhos conheci,
O que é que o exausto coração espera
 Do que não tem em si?

Se não há mais florir de árvores feitas
 Só de alguém as sonhar,
Que coisas quer o coração perfeitas,
 Quando, e em que lugar?

Não: contentemo-nos com ter a aragem
Que, porque existe, vem
Passar a mão sobre o alto da folhagem
E assim nos faz um bem.

Sem clepsidra ou relógio o tempo escorre
E nós com ele, nada o árbitro escravo
Pode contra o destino
Nem contra os deuses o mortal desejo.

201

Hoje, quais servos com ausentes deuses,
Na alheia casa, um dia sem o juiz,
Bebamos e comamos.
Será para amanhã o que aconteça.

Tombai mancebos, o vinho em nobre taça
E o braço nu com que o entornais fique
No lembrando olhar
Como uma água que parece vinho!

Sim, heróis somos todos amanhã.
Hoje adiemos. E na erguida taça
O roxo vinho espelhe
Depois — porque a noite nunca falta.

Sob a leve tutela
De deuses descuidosos,
Quero gastar as concedidas horas
Desta fadada vida.

202

Nada podendo contra
O ser que me fizeram,
Desejo ao menos que me haja o Fado
Dado a paz por destino.

Da verdade não quero
Mais que a vida; que os deuses
Dão vida e não verdade, nem talvez
Saibam qual a verdade.

203

Sob estas árvores ou aquelas árvores
Conduzi a dança,
Conduzi a dança, ninfas singelas
Até ao amplo gozo
Que tomais da vida. Conduzi a dança
E sê quase humanas
Com o vosso gozo derramado em ritmos
Em ritmos solenes
Que a nossa alegria torna maliciosos
Para nossa triste
Vida que não sabe sob as mesmas árvores
Conduzir a dança...

Seguro assento na coluna firme
 Dos versos em que fico.
Aquele agudo interno movimento
 Por quem os fiz pensados
Passa, e eu, outro já que o fator deles,
 Póstumo substituo-me.
Chegada a hora, eu próprio serei todo
 Menos que essas palavras
E papel, ou papiro escrito e morto
 Será mais eu que eu mesmo.
A obra imortal excede o autor da obra;
 E é menos dono dela
Quem a fez do que o tempo em que perdura.
 Morre a obra a vida nossa.
Durar, sentir, só os altos deuses unem.
 Nós não somos inteiros.
Assim os deuses esta nossa regem
 Mortal e imortal vida;
Assim o Fado rege que assim rejam.
 Mas se assim é, é assim.

1a

29-1-1921

Seguro assento na coluna firme
 Dos versos em que fico.
O criador interno movimento
 Por quem fui autor deles
Passa, e eu sobrevivo, já não quem
 Escreveu o que fez.

1b

Chegada a hora, passarei também
E os versos, que não sentem
Serão a única restança posta
Nos capitéis do tempo.

A obra imortal excede o autor da obra;
E é menos dono dela
Quem a fez do que o tempo em que perdura.
Morremos a obra viva.
Assim os deuses esta nossa regem
Mortal e imortal vida;
Assim o Fado faz que eles a rejam.
Mas se assim é, é assim.

Aquele agudo interno movimento,
Por quem fui autor deles
Primeiro passa, e eu, outro já do que era,
Póstumo substituo-me.
Chegada a hora, também serei menos
Que os versos permanentes.
E papel, ou papiro escrito e morto
Tem mais vida que a mente.

Na noite a sombra é mais igual à noite
Que o corpo que alumia.

29-1-1921

12a

AD JUVENEM ROSAM OFFERENTEM

A flor que és, não a que dás, eu quero.
Porque me negas o que te não peço?
Tão curto tempo é a mais longa vida,
E a juventude nela!

Flor vives, vã; porque te flor não cumpres?
Se te sorver esquivo o infausto abismo,
Perene velarás, absurda sombra,
O que não dou buscando.

Na oculta margem onde os lírios frios
Da ífera leiva crescem, e a corrente
Monótona, não sabe onde é o dia,
Sussurro gemebundo.

21-10-1923

Não queiras, Lídia, edificar no espaço
Que figuras futuro, ou prometer-te
Esta ou aquela vida.
Tu própria és tua vida.
Não te destines. Tu não és futura.
Cumpre hoje, e a gestal taça gosta
A que prevês seguinte
Não gozes na que gozas.
Quem sabe se entre a taça que tu bebes
E a que queres que siga a muda Sorte
Não interpõe, saindo,
Toda □

17a

Não tenhas nada nas mãos
Salvo memória na alma.

32a

Que quando te puserem
Nas mãos o óbolo último

Nada terás deixado.
Tu serás só tu próprio

Não poderão roubar-te
O que nunca tiveste.

Que trono te querem dar
Que Átropos to não tire?...

Que Coroa que não fane
No arbítrio de Minos?

Que horas que não te tornem
Da estatura da sombra

Que serás quando fores
O fim da tua estrada?

Colhe as flores. Abdica
E sê Rei de ti próprio.

38a

Os deuses desterrados
Os irmãos de Saturno
As vezes no crepúsculo
Vêm espreitar a vida...

Vêm então ter connosco
Remorsos e saudades...
É a presença deles,
Deuses que o destroná-los
Tornou espirituais,
De matéria divina
Longínqua e inativa...

E o poente tem cores
De tristeza e cansaços.
E ouve-se soluçar
Para além das esferas
Hiperion que chora
O seu palácio antigo
Que Apolo lhe roubou...

12-6-1914

Coroai-me de rosas!
Coroai-me em verdade
De rosas!

39a

Quero toda a vida
Feita desta hora
Breve.

Coroai-me de rosas
E de folhas de hera,
E basta!

12-6-1914

IN FLACCUM

46a

Cuidas tu, louro Flaco, que cansando
Os teus estéreis trabalhosos dias
Darás mais sorrisos ao campo
E serão mais altos os peitos de Ceres...
Põe mais vista em notares que tens flores
No teu jardim □

66a

Olho os campos, Neera,
Verdes campos, e sinto
Que um dia virá a hora
Em que não mais os olhe.

Tranquilo, apenas gozo,
Como quem brinca, o orgulho
Da serena tristeza
Filha da visão clara.

6-6-1915

66b

Olho os campos, Neera
Verdes campos, e sinto
Como virá um dia
Em que não mais os veja.

Par de árvores cobre
O céu aqui sem nuvens
E faz correr mais triste
A viva e alegre linfa.

Mas por um só momento
Fugaz e passageiro
Esta ideia eu emprego
Para o seu uso triste.

Cedo me volve a calma
Com que me faço o espelho
Do céu imperturbado
E da fonte insciente.

Deixa o futuro, — porque
Não está aqui, não é nada;
Só o fugaz presente
Enquanto dura existe.

Vive a imperfeita hora
Sem olhar além dela
E sem nada esperares
Dos homens, nem dos deuses.

Sofro, Lídia, do medo do destino. 80a
A leve pedra que um momento ergue
As lisas rodas do meu carro, aterra
 Meu coração.
Tudo quanto me ameace de mudar-me
Para melhor que seja, odeio e fujo.
Deixem-me os deuses minha vida sempre
 Sem renovar
Meus dias, mas que um passe e outro passe
Ficando eu sempre quase o mesmo, indo
Para a velhice como um dia entra
 No anoitecer.

Pequena vida consciente 103a
A quem outra persegue
A imagem repetida
Do abismo onde perdê-la.

22-10-1923

105a

A folha insciente, antes que a própria morra
Para nós morre, Cloe,
Para nós, que sabemos que ela morre
Assim, Cloe, assim
Antes que os próprios corpos, que empregamos
No amor, ela envelhece.
Assim, diversos, somos, inda jovens,
Só a mútua lembrança.
Ah, se o que somos é sempre isto, e apenas
Uma hora é o que somos,
Com tal fúria nessa hora nos usemos
Que arda sua lembrança
Como vida, e nos beijemos, Cloe,
Como se, findo o beijo
Único, houvesse de ruir a súbita
Mole do morto mundo.

168a

Nada fica de nada. Nada somos.
Um pouco ao sol e ao ar nos atrasamos
Da irrespirável treva que nos pesa
Da húmida terra imposta.
Leis feitas, estátuas altas, odes findas —
Tudo tem cova sua. Se nós, carnes
A que um íntimo sol dá sangue, temos
Poente, porque não elas?
O que fazemos é o que somos. Nada
Nos cria, nos governa e nos acaba.
Somos contos contando contos, cadáveres
Adiados que procriam.

28-9-1932

Uma cor me persegue na lembrança,
E, qual se fora um ente, me submete
 À sua permanência.
Quanto pode um pedaço sobreposto
Pela luz à matéria escura encher-me
 De tédio ao amplo mundo.

189a

ÍNDICE DE PRIMEIROS VERSOS

A

A abelha que, voando, freme sobre	101	87
A cada qual, como a estatura, cabe	136	103
A flor que és, não a que dás, eu quero.	12	17
A flor que és, não a que dás, eu quero.	12a	132
A folha insciente, antes que a própria morra	105a	138
A mão invisível do vento roça por cima das ervas.	89	81
A nada imploram tuas mãos já coisas,	23	24
A palidez do dia é levemente dourada.	43	42
Acima da verdade estão os deuses.	59	55
Aguardo, equânime, o que não conheço —	181	119
Amo o que vejo porque deixarei	182	119
Antes de nós nos mesmos arvoredos	61	57
Ao longe os montes têm neve ao sol,	34	34
Aqui, dizeis, na cova a que me chego,	121	97
Aqui, Neera, longe	42	41
Aqui, neste misérrimo desterro	177	117
Aqui, sem outro Apolo do que Apolo,	71	66
As rosas amo dos jardins de Adónis,	2	13
Atrás não torna, nem, como Orfeu, volta	119	96
Azuis os montes que estão longe param.	161	110

B

Bocas roxas de vinho,	63	59
Breve o dia, breve o ano, breve tudo.	156	109
Breve o inverno virá com sua branca	41	40

C

Cada cousa a seu tempo tem seu tempo.	62	58
Cada momento que a um prazer não voto	184	121
Cada um cumpre o destino que lhe cumpre,	95	84
Cada um é um mundo; e como em cada fonte	185	121
Cantos, risos e flores alumiem	186	121
Cedo de mais vem sempre, Cloe, o inverno.	85	79

Com que vida encherei os poucos breves	110	91
Como este infante que alourado dorme	187	122
Como se cada beijo	5	15
Concentra-te, e serás sereno e forte;	130	101
Coroai-me de rosas!	39a	135
Coroai-me de rosas,	9	16
Coroai-me de rosas.	39	39
Cuidas tu, louro Flaco, que apertando	46	44
Cuidas tu, louro Flaco, que cansando	46a	135
Cuidas, ínvio, que cumpres, apertando	20	22
Cumpre a lei, seja vil ou vil tu sejas.	88	80
D		
Da lâmpada noturna	30	30
Da nossa semelhança com os deuses	45	43
De anjos ou deuses, sempre nós tivemos,	44	43
De Apolo o carro rodou pra fora	36	35
De novo traz as aparentes novas	14	18
De uma só vez recolhe	104	89
Débil no vício, débil na virtude	146	106
Deixa passar o vento	67	63
Deixemos, Lídia, a ciência que não põe	56	52
Dia após dia a mesma vida é a mesma.	102	88
Dia em que não gozaste não foi teu:	174	115
Diana através dos ramos	70	65
Do que quero renego, se o querê-lo	154	108
Doce é o fruto à vista, e à boca amaro,	188	122
Dois é o prazer: gozar e o gozá-lo.	129	100
Domina ou cala. Não te percas, dando	157	109
E		
É tão suave a fuga deste dia,	58	54
Em Ceres anoitece.	72	66
Em vão procuro o bem que me negaram.	92	83
Enquanto eu vir o sol luzir nas folhas	120	96
Estás só. Ninguém o sabe. Cala e finge.	176	116
Este, seu escasso campo ora lavrando,	15	19

Este, seu escasso campo ora lavrando,	31	31
Eu nunca fui dos que a um sexo o outro	189	122
F		
Feliz aquele a quem a vida grata	65	61
Felizes, cujos corpos sob as árvores	73	67
Flores amo, não busco. Se aparecem	164	111
Floresce em ti, ó magna terra, em cores	124	98
Folha após folha vemos caem,	105	89
Frutos, dão-os as árvores que vivem,	115	94
G		
Gozo sonhado é gozo, inda que em sonho.	116	94
Grinalda ou coroa	180	118
H		
Há uma cor que me persegue e que eu odeio,	190	123
Hora a hora não dura a face antiga	108	90
I		
Inglória é a vida, e inglório o conhecê-la.	131	101
Ininterrupto e unido guia o teu curso	191	123
J		
Já sobre a frente vã se me acinzenta	25	25
L		
Lenta, descansa a onda que a maré deixa.	122	97
Lídia, ignoramos. Somos estrangeiros	162	111
M		
Manhã que raias sem olhar a mim,	84	78
Melhor destino que o de conhecer-se	10	17
Mestre, são plácidas	29	29
Meu gesto que destrui	192	124
N		
Nada fica de nada. Nada somos.	168a	138
Nada fica de nada. Nada somos.	169	113
Não a ti, Cristo, odeio ou menos prezo	78	73
Não a ti, Cristo, odeio ou te não quero.	77	73
Não a ti, mas aos teus, odeio, Cristo.	79	74
Não canto a noite porque no meu canto	99	86

Não como ante donzela ou mulher viva	51	48
Não consentem os deuses mais que a vida.	4	14
Não consentem os deuses mais que a vida.	60	56
Não inquiri do anónimo futuro	107	90
Não mais pensada que a dos mudos brutos	193	124
Não perscrutes o anónimo futuro,	111	92
Não porque os deuses findaram, alva Lída, choro...	54	51
Não pra mim mas pra ti teço as grinaldas	49	46
Não queiras, Lída, edificar no espaço	17	20
Não queiras, Lída, edificar no espaço	17a	133
Não quero a fama, que comigo a têm	93	83
Não quero as oferendas	97	85
Não quero recordar nem conhecer-me.	100	87
Não quero, Cloe, teu amor, que oprime	150	107
Não sei de quem recordo meu passado	143	105
Não sei se é amor que tens, ou amor que finges,	147	106
Não sem lei, mas segundo leis diversas	82	76
Não só quem nos odia ou nos inveja	149	107
Não só vinho, mas nele o olvido, deito	21	23
Não tenhas nada nas mãos	32	32
Não tenhas nada nas mãos	32a	133
Não torna ao ramo a folha que o deixou,	113	93
Não torna atrás a negregada prole	109	91
Neera, passeemos juntos	48	46
Negue-me tudo a sorte, salvo vê-la,	139	103
Nem da erva humilde se o Destino esquece.	137	103
Nem vã esperança vem, não anos vão,	114	93
Neste dia em que os campos são de Apolo	57	54
Ninguém a outrem ama, senão que ama	166	112
Ninguém, na vasta selva religiosa,	160	110
No breve número de doze meses	142	104
No ciclo eterno das mudáveis cousas	112	92
No grande espaço de não haver nada	194	124
No magno dia até os sons são claros.	195	125
No momento em que vamos pelos prados	86	79

No mundo, só comigo, me deixaram	152	108
Nos altos ramos de árvores frondosas	132	101
Nunca a alheia vontade, inda que grata,	151	107

O

O anel dado ao mendigo é injúria, e a sorte	133	101
O deus Pã não morreu.	35	34
O mar jaz. Gemem em segredo os ventos	47	45
O mar jaz; gemem em segredo os ventos	3	14
O que sentimos, não o que é sentido,	145	105
O rastro breve que das ervas moles	24	24
O relógio de sol partido marca	117	95
O ritmo antigo que há em pés descalços,	6	15
O ritmo antigo que há nos pés descalços	53	50
O sono é bom pois despertamos dele	126	98
Olho os campos, Neera	66b	136
Olho os campos, Neera,	13	18
Olho os campos, Neera,	66	62
Olho os campos, Neera,	66a	136
Os deuses desterrados,	38	37
Os deuses desterrados	38a	134
Os deuses e os Messias que são deuses	153	108
Os deuses são felizes.	87	80
Outros com liras ou com harpas narram,	196	125
Ouvi contar que outrora, quando a Pérsia	74	67

P

Para quê complicar inutilmente,	167	113
Para ser grande, sê inteiro: nada	28	26
Passando a vida em ver passar a de outros,	55	51
Pequena vida consciente	103a	137
Pequena vida consciente, sempre	103	88
Pequeno é o espaço que de nós separa	94	84
Pese a sentença igual da ignota morte	127	99
Pobres de nós que perdemos quanto	69	65
Pois que nada que dure, ou que, durando,	175	116
Ponho na altiva mente o fixo esforço	7	15

Prazer, mas devagar,	19	21
Prefiro rosas, meu amor, à pátria,	75	71
Q		
Quão breve tempo é a mais longa vida	8	16
Quando, Lídia, vier o nosso outono	26	25
Quanta tristeza e amargura afoga	22	23
Quanto faças, supremamente faze.	171	114
Quantos gozam o gozo de gozar	123	97
Quatro vezes mudou a estação falsa	197	125
Que mais que um ludo ou jogo é a extensa vida,	170	114
Quem diz ao dia, Dural! e à treva, Acaba!	138	103
Quem és, não o serás, que o tempo e a sorte	155	109
Quem fui é externo a mim. Se lembro, vejo;	144	105
Quer pouco: terás tudo.	148	107
Quero dos deuses só que me não lembrem.	198	126
Quero ignorado, e calmo	173	115
Quero versos que sejam como joias	96	85
Quero, Neera, que os teus lábios laves	33	33
R		
Rasteja mole pelos campos ermos	172	114
S		
Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo,	37	36
Saudoso já deste verão que vejo,	18	21
Se a cada coisa que há um deus compete,	158	109
Se hás de ser o que choras	199	126
Se já não torna a eterna primavera	200	126
Sê lanterna, sê luz com vidro em torno,	140	104
Sê o dono de ti	81	76
Se recordo quem fui, outrem me vejo,	141	104
Segue o teu destino,	76	72
Seguro assento na coluna firme	1a	131
Seguro assento na coluna firme	1b	131
Seguro assento na coluna firme	1	13
Sem clepsidra ou relógio o tempo escorre	201	127
Sereno aguarda o fim que pouco tarda.	165	112

Severo narro. Quanto sinto penso.	163	111
Só esta liberdade nos concedem	52	49
Só o ter flores pela vista fora	68	63
Sob a leve tutela	202	127
Sob estas árvores ou aquelas árvores	203	128
Sofro, Lídia, do medo do destino.	80	75
Sofro, Lídia, do medo do destino.	80a	137
Solene passa sobre a fértil terra	118	97
Súbdito inútil de astros dominantes,	179	117
T		
Tão cedo passa tudo quanto passa!	106	90
Tarda o verão. No campo tributário	135	102
Temo, Lídia, o destino. Nada é certo.	11	17
Ténue, como se de Éolo a esquecessem,	27	25
Tirem-me os deuses	64	60
Toda visão da crença se acompanha,	125	98
Tornar-te-ás só quem tu sempre foste.	91	82
Tuas, não minhas, teço estas grinaldas,	16	20
Tudo que cessa é morte, e a morte é nossa	134	102
Tudo, desde ermos astros afastados	159	110
U		
Um verso repete	90	82
Uma após uma as ondas apressadas	83	77
Uma cor me persegue na lembrança,	189a	139
Uns, com os olhos postos no passado,	178	117
V		
Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.	40	39
Vive sem horas. Quanto mede lesa,	168	113
Vivem em nós inúmeros;	183	119
Vós que, crentes em Cristos e Marias,	50	47
Vossa formosa juventude leda,	98	86
Vou dormir, dormir, dormir,	128	100

ÍNDICE GERAL

PRÓLOGO	5
PARTE I	11
ODES PUBLICADAS POR PESSOA	11
A. Odes — Livro Primeiro [<i>Athena</i>]	
1 Seguro assento na coluna firme	13
2 As rosas amo dos jardins de Adónis,	13
3 O mar jaz; gemem em segredo os ventos	14
4 Não consentem os deuses mais que a vida.	14
5 Como se cada beijo	15
6 O ritmo antigo que há em pés descalços,	15
7 Ponho na altiva mente o fixo esforço	15
8 Quão breve tempo é a mais longa vida	16
9 Coroai-me de rosas,	16
10 Melhor destino que o de conhecer-se	17
11 Temo, Lídia, o destino. Nada é certo.	17
12 A flor que és, não a que dás, eu quero.	17
13 Olho os campos, Neera,	18
14 De novo traz as aparentes novas	18
15 Este, seu escasso campo ora lavrando,	19
16 Tuas, não minhas, teço estas grinaldas,	20
17 Não queiras, Lídia, edificar no espaço	20
18 Saudoso já deste verão que vejo,	21
19 Prazer, mas devagar,	21
20 Cuidas, ínvio, que cumpres, apertando	22
B. Odes [<i>presença</i>]	
21 Não só vinho, mas nele o olvido, deito	23
22 Quanta tristeza e amargura afoga	23
23 A nada imploram tuas mãos já coisas,	24
24 O rastro breve que das ervas moles	24
25 Já sobre a fronte vã se me acinzenta	25

26	Quando, Lídia, vier o nosso outono	25
27	Ténue, como se de Éolo a esquecessem,	25
28	Para ser grande, sê inteiro: nada	26

PARTE II 27

ODES E OUTROS POEMAS

INÉDITOS OU PUBLICADOS POSTUMAMENTE 27

C. Odes [*Projeto de 1914*]

29	Mestre, são plácidas	29
30	Da lâmpada noturna	30
31	Este, seu escasso campo ora lavrando,	31
32	Não tenhas nada nas mãos	32
33	Quero, Neera, que os teus lábios laves	33
34	Ao longe os montes têm neve ao sol,	34
35	O deus Pã não morreu.	34
36	De Apolo o carro rodou pra fora	35
37	Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo,	36
38	Os deuses desterrados,	37
39	Coroai-me de rosas.	39
40	Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.	39
41	Breve o inverno virá com sua branca	40
42	Aqui, Neera, longe	41
43	A palidez do dia é levemente dourada.	42
44	De anjos ou deuses, sempre nós tivemos,	43
45	Da nossa semelhança com os deuses	43
46	Cuidas tu, louro Flaco, que apertando	44
47	O mar jaz. Gemem em segredo os ventos	45
48	Neera, passeemos juntos	46
49	Não pra mim mas pra ti teço as grinaldas	46
50	Vós que, crentes em Cristos e Marias,	47
51	Não como ante donzela ou mulher viva	48
52	Só esta liberdade nos concedem	49
53	O ritmo antigo que há nos pés descalços	50
54	Não porque os deuses findaram, alva Lídia, choro...	51

55	Passando a vida em ver passar a de outros,	51
56	Deixemos, Lídia, a ciência que não põe	52
57	Neste dia em que os campos são de Apolo	54
58	É tão suave a fuga deste dia,	54
59	Acima da verdade estão os deuses.	55
60	Não consentem os deuses mais que a vida.	56
61	Antes de nós nos mesmos arvoredos	57
62	Cada cousa a seu tempo tem seu tempo.	58
63	Bocas roxas de vinho,	59
64	Tirem-me os deuses	60
65	Feliz aquele a quem a vida grata	61
66	Olho os campos, Neera,	62
67	Deixa passar o vento	63
68	Só o ter flores pela vista fora	63

D. Odes e outros poemas

	<i>Poemas com data</i>	65
69	Pobres de nós que perdemos quanto	65
70	Diana através dos ramos	65
71	Aqui, sem outro Apolo do que Apolo,	66
72	Em Ceres anoitece.	66
73	Felizes, cujos corpos sob as árvores	67
74	Ouvi contar que outrora, quando a Pérsia	67
75	Prefiro rosas, meu amor, à pátria,	71
76	Segue o teu destino,	72
77	Não a ti, Cristo, odeio ou te não quero.	73
78	Não a ti, Cristo, odeio ou menos prezo	73
79	Não a ti, mas aos teus, odeio, Cristo.	74
80	Sofro, Lídia, do medo do destino.	75
81	Sê o dono de ti	76
82	Não sem lei, mas segundo leis diversas	76
83	Uma após uma as ondas apressadas	77
84	Manhã que raias sem olhar a mim,	78
85	Cedo de mais vem sempre, Cloe, o inverno.	79

86	No momento em que vamos pelos prados	79
87	Os deuses são felizes.	80
88	Cumpre a lei, seja vil ou vil tu sejas.	80
89	A mão invisível do vento roça por cima das ervas.	81
90	Um verso repete	82
91	Tornar-te-ás só quem tu sempre foste.	82
92	Em vão procuro o bem que me negaram.	83
93	Não quero a fama, que comigo a têm	83
94	Pequeno é o espaço que de nós separa	84
95	Cada um cumpre o destino que lhe cumpre,	84
96	Quero versos que sejam como joias	85
97	Não quero as oferendas	85
98	Vossa formosa juventude leda,	86
99	Não canto a noite porque no meu canto	86
100	Não quero recordar nem conhecer-me.	87
101	A abelha que, voando, freme sobre	87
102	Dia após dia a mesma vida é a mesma.	88
103	Pequena vida consciente, sempre	88
104	De uma só vez recolhe	89
105	Folha após folha vemos caem,	89
106	Tão cedo passa tudo quanto passa!	90
107	Não inquiri do anónimo futuro	90
108	Hora a hora não dura a face antiga	90
109	Não torna atrás a negregada prole	91
110	Com que vida encherei os poucos breves	91
111	Não perscrutes o anónimo futuro,	92
112	No ciclo eterno das mudáveis cousas	92
113	Não torna ao ramo a folha que o deixou,	93
114	Nem vã esperança vem, não anos vão,	93
115	Frutos, dão-os as árvores que vivem,	94
116	Gozo sonhado é gozo, inda que em sonho.	94
117	O relógio de sol partido marca	95
118	Solene passa sobre a fértil terra	95
119	Atrás não torna, nem, como Orfeu, volta	96
120	Enquanto eu vir o sol luzir nas folhas	96

121	Aqui, dizeis, na cova a que me chego,	97
122	Lenta, descansa a onda que a maré deixa.	97
123	Quantos gozam o gozo de gozar	97
124	Floresce em ti, ó magna terra, em cores	98
125	Toda visão da crença se acompanha,	98
126	O sono é bom pois despertamos dele	98
127	Pese a sentença igual da ignota morte	99
128	Vou dormir, dormir, dormir,	100
129	Dois é o prazer: gozar e o gozá-lo.	100
130	Concentra-te, e serás sereno e forte;	101
131	Inglória é a vida, e inglório o conhecê-la.	101
132	Nos altos ramos de árvores frondosas	101
133	O anel dado ao mendigo é injúria, e a sorte	101
134	Tudo que cessa é morte, e a morte é nossa	102
135	Tarda o verão. No campo tributário	102
136	A cada qual, como a estatura, cabe	103
137	Nem da erva humilde se o Destino esquece.	103
138	Quem diz ao dia, Dura! e à treva, Acaba!	103
139	Negue-me tudo a sorte, salvo vê-la,	103
140	Sê lanterna, sê luz com vidro em torno,	104
141	Se recordo quem fui, outrem me vejo,	104
142	No breve número de doze meses	104
143	Não sei de quem recordo meu passado	105
144	Quem fui é externo a mim. Se lembro, vejo;	105
145	O que sentimos, não o que é sentido,	105
146	Débil no vício, débil na virtude	106
147	Não sei se é amor que tens, ou amor que finges,	106
148	Quer pouco: terás tudo.	107
149	Não só quem nos odia ou nos inveja	107
150	Não quero, Cloe, teu amor, que oprime	107
151	Nunca a alheia vontade, inda que grata,	107
152	No mundo, só comigo, me deixaram	108
153	Os deuses e os Messias que são deuses	108
154	Do que quero renego, se o querê-lo	108
155	Quem és, não o serás, que o tempo e a sorte	109

156 Breve o dia, breve o ano, breve tudo.	109
157 Domina ou cala. Não te percas, dando	109
158 Se a cada coisa que há um deus compete,	109
159 Tudo, desde ermos astros afastados	110
160 Ninguém, na vasta selva religiosa,	110
161 Azuis os montes que estão longe param.	110
162 Lídia, ignoramos. Somos estrangeiros	111
163 Severo narro. Quanto sinto penso.	111
164 Flores amo, não busco. Se aparecem	111
165 Sereno aguarda o fim que pouco tarda.	112
166 Ninguém a outrem ama, senão que ama	112
167 Para quê complicar inutilmente,	113
168 Vive sem horas. Quanto mede lesa,	113
169 Nada fica de nada. Nada somos.	113
170 Que mais que um ludo ou jogo é a extensa vida,	114
171 Quanto faças, supremamente faze.	114
172 Rasteja mole pelos campos ermos	114
173 Quero ignorado, e calmo	115
174 Dia em que não gozaste não foi teu:	115
175 Pois que nada que dure, ou que, durando,	116
176 Estás só. Ninguém o sabe. Calar e fingir.	116
177 Aqui, neste misérrimo desterro	117
178 Uns, com os olhos postos no passado,	117
179 Súdito inútil de astros dominantes,	117
180 Grinalda ou coroa	118
181 Aguardo, equânime, o que não conheço —	119
182 Amo o que vejo porque deixarei	119
183 Vivem em nós inúmeros;	119
 <i>Poemas sem data</i>	121
184 Cada momento que a um prazer não voto	121
185 Cada um é um mundo; e como em cada fonte	121
186 Cantos, risos e flores alumiam	121
187 Como este infante que alourado dorme	122
188 Doce é o fruto à vista, e à boca amaro,	122

189	Eu nunca fui dos que a um sexo o outro	122
190	Há uma cor que me persegue e que eu odeio,	123
191	Ininterrupto e unido guia o teu curso	123
192	Meu gesto que destrui	124
193	Não mais pensada que a dos mudos brutos	124
194	No grande espaço de não haver nada	124
195	No magno dia até os sons são claros.	125
196	Outros com liras ou com harpas narram,	125
197	Quatro vezes mudou a estação falsa	125
198	Quero dos deuses só que me não lembrem.	126
199	Se hás de ser o que choras	126
200	Se já não torna a eterna primavera	126
201	Sem clepsidra ou relógio o tempo escorre	127
202	Sob a leve tutela	127
203	Sob estas árvores ou aquelas árvores	128

PARTE III 129

POEMAS VARIANTES 129

1a	Seguro assento na coluna firme	131
1b	Seguro assento na coluna firme	131
12a	A flor que és, não a que dás, eu quero.	132
17a	Não queiras, Lídia, edificar no espaço	133
32a	Não tenhas nada nas mãos	133
38a	Os deuses desterrados	134
39a	Coroai-me de rosas!	135
46a	Cuidas tu, louro Flaco, que cansando	135
66a	Olho os campos, Neera,	136
66b	Olho os campos, Neera	136
80a	Sofro, Lídia, do medo do destino.	137
103a	Pequena vida consciente	137
105a	A folha insciente, antes que a própria morra	138
168a	Nada fica de nada. Nada somos.	138
189a	Uma cor me persegue na lembrança,	139

Índice de primeiros versos 143

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

—
www.incm.pt
www.facebook.com/INCM.Livros
editorial.apoiocliente@incm.pt

—
© Luiz Fagundes Duarte
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

—
O livro *POEMAS DE RICARDO REIS* de FERNANDO PESSOA
é o primeiro título da coleção *PESSOANA*, série EDIÇÕES,
e tem edição de texto de LUIZ FAGUNDES DUARTE.
Tem edição, revisão, *design* gráfico, impressão e acabamento
da IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA
e *design* de capa de WHITE STUDIO.

Foi composto em caracteres MINION PRO
e impresso em papel CORAL BOOK IVORY DE 90 g e IOR DE 350 g.
Tem o ISBN 978-972-27-2357-2, depósito legal n.º 387 538/15
e o cód. de edição n.º 1020432.

—
Primeira edição, no mês de ABRIL do ano de DOIS MIL E QUINZE.



PESSOANA • EDIÇÕES
EDIÇÃO CRÍTICA DE FERNANDO PESSOA

Este é o primeiro volume da série EDIÇÕES da coleção PESSOANA — a começar pelo heterónimo a quem Fernando Pessoa confiou a redação do seu testamento poético: «Vivem em nós inúmeros.»

As decisões quanto à constituição do *corpus* da poesia de Ricardo Reis (203 poemas), e quanto à leitura dos autógrafos dos poemas não publicados em vida do poeta (apenas 28 o foram), são explicadas no volume correspondente da Edição Crítica (INCM, 1994). Estes poemas de Reis são aqueles que Pessoa esperaria que um leitor encontrasse como normal no seu próprio tempo, mas agora transportados para um outro tempo: o nosso.

ISBN 978-972-27-2357-2



9 7 8 9 7 2 2 7 2 3 5 7 2